



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA**

SUELENE DE BRITO LUNA

LETRAMENTO DIGITAL: as contribuições das novas tecnologias nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas em Sapé/PB.

**GUARABIRA
2018**

SUELENE DE BRITO LUNA

LETRAMENTO DIGITAL: as contribuições das novas tecnologias nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas em Sapé/PB.

Trabalho de Conclusão de apresentação ao Programa de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Orientador: Prof. Esp. Vanusa Valério dos Santos.

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L9611 Luna, Suelene de Brito.
Letramento digital: [manuscrito] : as contribuições das novas tecnologias nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas em Sapé/PB. / Suelene de Brito Luna. - 2018.
72 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Esp. Vanusa Valério dos Santos, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."
1. Letramento. 2. Letramento Digital. 3. Novas Tecnologias. 4. Crianças.

21. ed. CDD 371.334

SUELENE DE BRITO LUNA

LETRAMENTO DIGITAL: as contribuições das novas tecnologias nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas em Sapé/PB.

Trabalho de Conclusão de apresentação ao Programa de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente.

Aprovada em: 07/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Vanusa Valério dos Santos
Prof. Esp. Vanusa Valério dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

David Soares de Souza
Prof. Ms. David Soares de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Tais Araujo da Silva Alves
Prof. Dr. Tais Araujo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu esposo Júlio César, pela dedicação,
companheirismo e amizade, e a minha filha Ísis
Thereza, por todo amor DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente, pois sem a permissão dele nada disso seria possível.

À minha professora e orientadora, Vanusa Valério dos Santos, por toda sua competência e responsabilidade nas orientações, e acima de tudo, por ter aceitado ser minha orientadora com tamanhas impossibilidades a qual nos encontrávamos, essa é uma atitude que apenas os especiais são capazes de ter.

Ao meu esposo Júlio César Cardoso de Luna, meu maior incentivador, digo até que se não fosse por ele, talvez eu não teria conseguido ir além em meus estudos.

A minha mãe Maria da Conceição de Brito, por toda ajuda ficando com minha filha pequena quando eu estava na universidade estudando.

Ao meu avô Francisco Augusto de Brito (*in memoriam*) e a minha avó Rosa Amélia da Conceição (*in memoriam*), embora fisicamente ausentes, sei que tenho suas proteções, pois quando em vida, mesmo ambos sendo analfabetos faziam o seu melhor para me dar uma boa educação.

A minha amada filha Ísis Thereza de Brito Luna, que veio ao mundo durante minha trajetória acadêmica, trazendo junto muitos desafios, pois não é fácil conciliar uma criança pequena com os estudos. Mas, minha vitória é toda dedicada a ela, meu amor maior, onde essa graduação vai me ajudar bastante em sua criação.

A minha amiga irmã Lanás Aparecida Ribeiro Xavier por todo companheirismo e cumplicidade durante esses quatro anos de curso, por todos os momentos ruins e bons que passamos juntas, uma valiosa amizade que vou levar por toda minha vida.

A todos os professores do Curso de Pedagogia, que contribuíram ao longo desses quatro anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa. E a todas minhas colegas da turma de pedagogia, por todos nossos momentos juntas de amizade e apoio.

Entretanto, seria muito simples dizer que a era da internet representa apenas uma ampliação das tendências que começaram a emergir na era industrial. Na verdade, algo absolutamente novo está acontecendo: o uso das novas tecnologias pelos Nativos Digitais – os mais sofisticados dos jovens conectados – está provocando mudanças no nosso entendimento de identidade (PALFREY; GASSER, 2011, p.31).

RESUMO

O termo letramento surgiu há algumas décadas atrás em meados dos anos 80, quando o Brasil vivenciava um alto índice de analfabetismo e repetências nas séries escolares. Assim, o letramento firma explicando o oposto de ser analfabeto, ou seja, pessoas que possuíam práticas de leitura e escrita mais avançadas em todo seu meio social seriam pessoas letradas. Com as novas tecnologias permeando toda sociedade, novos letramentos se configuram, assim o letramento digital que se faz presente afeiçoando pessoas com domínio sobre as tecnologias digitais. Com toda essa vastidão de avanços tecnológicos, as crianças estão cada vez mais encantadas com tanto fascínio e prazeres que as tecnologias oferecem, podendo auxiliar até em sua aprendizagem escolar. Dessa forma a presente pesquisa objetivou analisar as contribuições das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) para o conhecimento e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. A estrutura do trabalho está organizada da seguinte forma: em um primeiro momento abordaremos o letramento, fundamentado em: Soares (2003;2011), Tfouni (2010). Em sequência, no segundo momento delimitamos a leitura e escrita teoricamente baseada em: Lajolo; Zilberman (1982), Freire (1982). No terceiro momento pautamos o letramento digital com fundamentos em: Aquino (2003), Gilster (1997), Almeida (2007), Lévy (1999). No quarto momento escrevemos sobre os gêneros digitais teorizados em: Marcuschi; Xavier (2005), Palfrey; Gasser (2011), Shlobinski (2012), Martins (2001). Assim no quinto momento, categoricamente falamos sobre a Era digital, a qual teve fundamentação teórica em: Kenski (2007), e Palfrey; Gasser (2011). Vindo o sexto momento onde escrevemos sobre tecnologias digitais, com suas bases teóricas em: Kenski (2007), e Castells (1942). No sétimo momento abordamos as Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na educação, fundamentada em: Fava (2012), Moran; Masetto; Behrens (2004), Graciani (2014), e Freire (1996). Vindo o oitavo momento, o qual expomos professores digitais, fundamentado em: Moran; Masetto; Behrens (2004), Kenski (2007), e Palfrey; Gasser (2011). E em seguida o nono momento pautamos aprendizes digitais com fundamentação teórica em: Moran; Masetto; Behrens (2004), Kenski (2007), Prenky (2001), Palfrey; Gasser (2011), e Mattar (2010). Metodologicamente a pesquisa foi pautada numa abordagem qualitativa que segundo Minayo (2008), trabalha com o universo dos significados e dos motivos, para tanto, foi realizado um estudo de caso que conforme Gil (1989) é caracterizado pelo estudo profundo de um objeto, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo. Para coleta de dados foram feitas entrevistas com os alunos do 3º ano do fundamental I, de duas escolas públicas de Sapé – PB. Dessa forma, será feita a análise dos dados coletados, contextualizando o campo de investigação e fazendo a caracterização dos sujeitos investigados a partir das respostas dadas ao instrumento utilizado. Como resultado da pesquisa, ficou evidenciado que as tecnologias digitais contribuem para a aprendizagem dos discentes, concedendo várias possibilidades favoráveis de aprender por meio delas, seja jogando, seja fazendo buscas na internet, seja assistindo vídeos, seja nas redes sociais, de diferentes maneiras esses sujeitos vem desenvolvendo seu letramento com o auxílio das TIC's.

Palavras-Chave: Letramento. Letramento Digital. Novas Tecnologias. Crianças.

ABSTRACT

The term literacy emerged a few decades ago in the mid-1980s, when Brazil experienced a high rate of illiteracy and repetition in school grades. Thus, the literacy firm explains the opposite of being illiterate, that is, people who had more advanced reading and writing practices throughout their social environment would be literate people. With the new technologies permeating all society, new literacies are configured, so the digital literacy that is present fondling people with mastery over digital technologies. With all this vast technological advances, children are increasingly enchanted with so much fascination and pleasure that technologies offer, and can even help in their school learning. Thus, the present research aimed to analyze the contributions of digital information and communication technologies (DICT) to the knowledge and development of reading and writing skills. The structure of the work is organized as follows: in a first moment we approached the literacy, based on: Soares (2003; 2011), Tfouni (2010). In sequence, in the second moment, we delimited the reading and writing theoretically based on: Lajolo; Zilberman (1982), Freire (1982). In the third moment we oriented the digital literacy with fundamentals in: Aquino (2003), Gilster (1997), Almeida (2007), Lévy (1999). In the fourth moment we wrote about the digital theorized in: Marcuschi; Xavier (2005), Palfrey; Gasser (2011), Shlobinski (2012), Martins (2001). Thus, in the fifth moment, we categorically talked about the Digital Age, which had theoretical foundation in: Kenski (2007), and Palfrey; Gasser (2011). The sixth moment we wrote about digital technologies, with its theoretical bases in: Kenski (2007), and Castells (1942). In the seventh moment we approached the Digital information and communication technologies DICT in education, based on: Fava (2012), Moran; Masetto; Behrens (2004), Graciani (2014), and Freire (1996). Coming the eighth moment, which exposed digital teachers, based on: Moran; Masetto; Behrens (2004), Kenski (2007), and Palfrey; Gasser (2011). And then, at the ninth moment, we oriented digital apprentices with theoretical foundation in: Moran; Masetto; Behrens (2004), Kenski (2007), Prenky (2001), Palfrey; Gasser (2011), and Mattar (2010). Methodologically the research was based on a qualitative approach that, according to Minayo (2008), works with the universe of meanings and motives, for this, a case study was carried out, as Gil (1989) is characterized by the deep study of an object, in order to allow a broad and detailed knowledge of it. Therefore, the data collected will be analyzed, contextualizing the field of investigation and characterizing the subjects investigated from the answers given to the instrument used. As a result of the research, it was evidenced that digital technologies contribute to the learning of the students, granting several favorable possibilities to learn through them, be it playing, searching the internet, watching videos or social networks, in different ways subjects have been developing their literacy with the help of ICT's.

Keywords: Literacy. Digital Literacy. New technologies. Children.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1	Gosta de vir para a escola?.....	44
Gráfico 2	O que você mais gosta da escola?.....	45
Gráfico 3	O que não gosta da escola?.....	46
Gráfico 4	O que pensam sobre a professora.....	47
Gráfico 5	O que você mais gosta de sua professora.....	48
Gráfico 6	O que mais gosta nas aulas?.....	49
Gráfico 7	Como gostariam que fossem as aulas?.....	50
Gráfico 8	Sabe ler, e gosta de ler?.....	51
Gráfico 9	O que você mais gosta de ler?.....	52
Gráfico 10	Lugares diferentes que realizam leituras (faixas, cardápios, placas).....	53
Gráfico 11	Sabe escrever, e o que mais gosta de escrever.....	54
Gráfico 12	Faz uso de celular, tablete, computador.....	55
Gráfico 13	Que uso faz do celular e do tablete.....	56
Gráfico 14	O que se aprende com o celular fora da escola.....	57
Gráfico 15	O que se aprende com o Tablet.....	58
Gráfico 16	Sabe acessar a internet?.....	59
Gráfico 17	Qual a frequência que acessa a internet?.....	60
Gráfico 18	Através de que acessa mais a internet.....	60
Gráfico 19	Fora da escola qual uso faz da internet, e o que se aprende?.....	62
Gráfico 20	Como a internet ajuda nas atividades.....	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LETRAMENTO	15
2.1 Leitura e escrita	17
2.2 Letramento digital	19
2.3 Gêneros digitais.....	21
3 ERA DIGITAL	24
3.1 Tecnologias digitais	26
3.2 As Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na educação ..	27
3.3 Professores digitais	30
3.4 Aprendizes digitais	32
4 METODOLOGIA	35
4.1 Análises dos dados da pesquisa	39
4.1.1 Contextualizando o campo de investigação	40
4.2 Análise dos dados coletados com os discentes das escolas investigadas	43
4.2.1 Caracterização dos sujeitos investigados	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE A	71

1 INTRODUÇÃO

Por volta dos anos 80, o Brasil vivenciava um gigantesco índice de analfabetismo e de repetências das séries escolares. Para essa situação a qual se encontrava a educação brasileira, foi preciso buscar um termo que explicasse o contrário dessa vivência, ou seja, o oposto de analfabeto. Foi aí que surgiu o termo letramento, explicando que as pessoas que possuíam as práticas de leitura e escrita mais avançadas e mais desenvolvidas em todo contexto social, seriam pessoas letradas. Para Soares (2003), letramento se diferencia de alfabetização, pois muitas vezes até se confundem, mas, um indivíduo no seu processo de alfabetização consegue ler e escrever normalmente, porém com muita dificuldade na leitura e em escrever pequenos textos, e a pessoa letrada, as práticas de leitura e escrita são mais abrangentes, como também conseguem usar todos os seus conhecimentos em práticas sociais, compreendendo tudo dentro do seu contexto.

Com o advento das novas tecnologias, o termo letramento por ter sido cunhado em todo o contexto educacional permeando o processo de leitura e escrita, assim também foi designado em outras aquisições de conhecimentos, como no meio digital. Surgindo assim diferentes tipos de letramentos, dessa forma, constatamos o letramento digital encarregado de explicar o domínio das tecnologias digitais, assim sendo, as pessoas passam a fazer uso contínuo dessas tecnologias em todo seu contexto social.

Com toda a explosão de avanços tecnológicos que vivenciamos, as tecnologias digitais já fazem parte do cenário atual de informação e comunicação e cada vez mais vem adquirindo um imenso espaço na vida social das crianças como também no contexto escolar. Pois muitas escolas já estão aderindo aos meios tecnológicos, na tentativa de qualificar e melhorar o processo de ensino – aprendizagem de seus alunos. Hoje, é comum algumas crianças possuírem no mínimo um celular, já manuseiam um computador como também fazem pesquisa na internet. No entanto ressaltamos que a internet além de promover diversão entre as crianças e jovens também traz muitos perigos. Muitos sites disponíveis na internet como sala de bate papo (chat), e-mail e redes sociais, é uma porta de entrada para pessoas mal intencionadas – pedófilos, sequestradores entre outros – prontos para enganarem crianças indefesas. Por isso, se faz importante o devido acompanhamento e orientação da família, junto a seus filhos e filhas para o uso

adequado da internet. A confiança e o diálogo entre pais e filhos são as melhores armas contra os perigos que a internet também proporciona aos seus usuários.

Outrossim, a maneira como as crianças estão coletando tanta informação levando tudo para o ambiente escolar, faz com que gere um dos desafios diários enfrentado pelo professor, que por sua vez tenta atrair a atenção de seus alunos fazendo uso das ferramentas tecnológicas. Essa nova geração aprende de maneiras diferentes ao mesmo tempo - escutam músicas, batem papo, assistem vídeos, entre outras coisas - temos que compreender muito bem quem é essa geração, para entender como elas aprendem. Diante do exposto indagamos: De que forma as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) contribuem para o conhecimento e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nas turmas do 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental em Sapé/PB?

Para tanto, foram levantadas as seguintes hipóteses: o conhecimento que o aluno tem sobre as tecnologias digitais, contribui para o processo de aprendizagem da leitura e escrita; as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) introduzidas na sala de aula, cooperam positivamente na aprendizagem dos alunos; O ambiente escolar não estar preparado para utilizar meios tecnológicos – celular, tablet, entre outros - na sala de aula.

Sendo assim, delineamos como objetivo geral deste trabalho analisar as contribuições das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) para o conhecimento e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. E como os objetivos específicos definimos: diagnosticar de que maneira as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) vem contribuindo para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos; identificar as ferramentas tecnológicas mais utilizadas pelos alunos para terem acesso à internet; Caracterizar as diversas formas de aprender com as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

Justificamos esse trabalho com a nitidez do potencial que as TIC's vêm impactando todo meio social inclusive os ambientes escolares, e por alguns autores como: Graciani (2014), Moran; Masetto; Behrens (2004), e Fava (2012), apontarem o diferencial que essas tecnologias possuem, podendo modificar a educação, proporcionando ao discente uma aprendizagem produtiva, objetiva e prazerosa. É notório que o modo pelo qual muitos alunos vêm aprendendo hoje, é completamente diferente de como se aprendia há algumas décadas atrás. Os professores por sua vez estão sendo desafiados constantemente por esses alunos que trazem muitas

informações de fora da escola. Mudar a forma de ensinar é preciso em um novo paradigma tão abrangente que estamos vivenciando, as TIC's já fazem parte de todo esse cenário e da rotina de muitos discentes, cabe a nós compreendê-las para chegar em um propósito comum, uma educação de qualidade.

Metodologicamente, neste trabalho, foi adotada a pesquisa de campo que segundo Marconi (2003) é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e conhecimentos acerca de um problema. Como também foram feitos estudos bibliográficos, o qual fizemos resumos e fichamentos de livros sobre o tema proposto. Logo, a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo (LAKATOS; MARCONI, 2003). Dessa forma, fizemos uso da entrevista estruturada para coleta de dados, onde, através de conversas com os sujeitos, buscamos coletar informações importantes e pertinentes, no sentido de responder ao nosso problema da pesquisa. A entrevista é portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 1989).

Outrossim, nosso estudo teve como foco de investigação duas escolas públicas de educação infantil e ensino fundamental I, localizadas na cidade de Sapé-PB. Dessa forma, foram investigados os alunos do 3º ano do ensino fundamental I em seu processo de letramento de ambas as escolas, levando em consideração um estudo comparativo.

A estrutura do trabalho está organizada da seguinte forma em um primeiro momento abordaremos o letramento, fundamentado em: Soares (2003), Soares (2011), Soares (2009), Tfouni (2010), e Emília Ferreiro. Em sequência no segundo momento delimitamos a leitura e escrita teoricamente baseada em: Lajolo; Zilberman (1982), Alves (2007) e Freire (1982). No terceiro momento pautamos o letramento digital com fundamentos em: Aquino (2003), Gilster (1997), Almeida (2007), Lévy (1999), Palfrey; Gasser (2011), e Kenski (2007). No quarto momento escrevemos sobre os gêneros digitais teorizados em: Marcuschi; Xavier (2005), Palfrey; Gasser (2011), Shlobinski (2012), Martins (2001), e Moran; Masetto; Behrens (2004). Assim no quinto momento, categoricamente falamos sobre a Era digital, tendo a fundamentação teórica em: Kenski (2007), e Palfrey; Gasser (2011). Vindo o sexto momento onde escrevemos sobre tecnologias digitais, com suas bases teóricas em: Kenski (2007), e Castells (1942). No sétimo momento abordamos as Tecnologias

digitais de informação e comunicação (TDIC) na educação, baseada em: Fava (2012), Moran; Masetto; Behrens (2004), Graciani (2014), e Freire (1996). Vindo o oitavo momento, o qual expomos professores digitais, fundamentado em: Moran; Masetto; Behrens (2004), Kenski (2007), e Palfrey; Gasser (2011). E em seguida o nono momento pautamos aprendizes digitais com fundamentação teórica em: Moran; Masetto; Behrens (2004), Kenski (2007), Prenky (2001), Palfrey; Gasser (2011), e Mattar (2010). Adiante seguimos com a metodologia aplicada e o percurso metodológico da pesquisa deste trabalho, juntamente com as análises e discussões dos resultados, contextualizando o campo de investigação e caracterização dos sujeitos investigados.

Assim, levamos em consideração que a sociedade de informação e comunicação a qual estamos inseridos, vem provocando desafios na área educacional, e modificando a maneira de viver das pessoas. As crianças estão encantadas e envolvidas com as novas tecnologias, e dessa forma as práticas de leitura e escrita se configuram por intermédios das mesmas. Assim, a presença frequente das TIC's, em nossa cultura, provoca possibilidades de expressão e comunicação.

Devemos portanto, reconhecer, entender e utilizar as tecnologias digitais com a finalidade de integrar o professor e o aluno em um processo contínuo de inovações das práticas pedagógicas, onde os desafios educacionais estão aí expostos a todo momento. Cabe a nós enfrenta-los com muita competência e capacidade. Dessa forma, o ambiente escolar deve sim adotar metodologias inovadoras através do uso das tecnologias digitais, para que os discentes e os docentes possam ensinar e aprender de diferentes formas, lendo, escrevendo e expressando-se através de novas modalidades e meios comunicacionais, tentando qualificar o letramento e conseqüentemente o letramento digital.

2 LETRAMENTO

Historicamente, há algumas décadas atrás existiu uma certa lacuna em distinguir e nomear práticas sociais de ler e escrever mais desenvolvidas, e supostamente mais avançadas. Foi assim que segundo Magda Soares por volta dos anos de 1980, mais precisamente, surge a invenção do letramento.

[...] práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Assim, é em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil (SOARES, 2003, p.6).

O termo letramento, precocemente incorporado no contexto educacional brasileiro, provoca uma série de questionamentos entre alguns profissionais da área educacional, mais precisamente dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental I. Segundo Soares (2003), no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, frequentemente se confundem, muitos docentes acham que o letramento substitui a alfabetização, outros já mencionam que letramento e alfabetização andam juntos, outros nem sabem como é de fato empregado o letramento no processo escolar. Essas e outras dúvidas permeiam o contexto educacional sem os devidos esclarecimento sobre o que de fato é realmente o letramento.

Contudo, em meados dos anos 80 a sociedade brasileira vivenciava um grande índice de analfabetismo e altas taxas de repetências das séries escolares, e em consequência disso, buscava-se uma palavra que pudesse explicar tal fenômeno, em outras palavras, buscava-se um termo que explicasse o contrário do analfabetismo, uma palavra que determinasse a pessoa que está alfabetizada, de quem faz uso e domina a prática de ler e escrever em todo meio social. Dessa forma surge o famoso termo letramento.

O surgimento do termo literacy (cujo significado é o mesmo de alfabetismo), nessa época, representou, certamente, uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra (SOARES, 2011, p. 29).

Um direcionamento concreto e definido para o termo letramento parece ser algo muito difícil, uma vez que se trata de algo muito complexo e cheios de questionamentos.

[...] dificuldades e impossibilidades devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição (SOARES, 2009, p.65).

Pensar sobre os sentidos de letramento, Tfouni (2010) sugere que não pode haver a redução do seu significado ao significado de alfabetização e ao ensino formal. Outrossim, o letramento é a extensão da alfabetização, relacionando assim como um processo de desenvolvimento da leitura e escrita no meio social.

Fazendo paralelo, entre alfabetização e letramento, distinguindo um termo do outro, onde alfabetização seria a prática de ler e escrever, e letramento seria essas práticas porém mais avançadas e amplas. Para Soares (2009), é importante ressaltar que existe diferença entre alfabetização e letramento, para ela alfabetização é a capacidade que o sujeito tem de ler e escrever relacionado a instituição escolar, já o letramento se relaciona ao indivíduo que pratica a leitura e escrita na sua rotina diária.

Importante enfatizar o posicionamento de Emília Ferreira em entrevista concedida a revista educacional brasileira “Nova Escola”, para ela alfabetização não é um estado, mas um processo, ele tem início bem cedo e nunca termina, e letramento significa alfabetização e muito mais. Ela questiona o uso do termo letramento, uma vez que alfabetização compreende o que é letramento, ou vice-versa. Para ela o Brasil adotou o termo letramento e esqueceu do termo alfabetização, isso é um retrocesso, segundo ela. Emília não utiliza o termo letramento, a não ser que fosse decidido e obrigatório usar esse termo ao invés de alfabetização. Essa postura fica clara na colocação de Magda Soares a seguir:

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência, perde sua especificidade (SOARES, 2003, p.11)

Como foi dito no início do texto, letramento surgiu como uma forma de explicar o contrário do analfabetismo. Mesmo assim, décadas depois com tantos avanços tecnológicos na área educacional ainda enfrentamos o problema do analfabetismo no Brasil. Infelizmente, ainda existem pessoas incapaz de ler um simples bilhete, muito menos escrever um pequeno texto. Existem muitas crianças com bastante dificuldades de aprendizagem, principalmente nas de escolas públicas.

Com relação a essa situação se faz necessário que as escolas públicas em especial, busquem alternativas novas e eficazes na tentativa de melhorarem o seu processo de ensino-aprendizagem, conduzindo assim, a formação de sujeitos críticos e reflexivos, preparando-os para o exercício da cidadania e o qualificando para o mercado de trabalho.

É importante destacar que a alteração do letramento surge sempre envolvida no conceito de alfabetização, logo, prevalece sempre o letramento sobre a alfabetização. Não podemos separar os dois processos, pois a princípio, o estudo do educando na natureza da escrita se dá ao mesmo momento, por meio da alfabetização e do letramento.

Levando em consideração, o letramento começa bem antes da alfabetização, ou seja, quando o sujeito começa a ter contato e a interagir com o seu meio social. Nesse sentido, uma criança que cresce e se desenvolve convivendo com livros, escutando histórias lidas por algum adulto, que tem a percepção dos adultos lendo e escrevendo. Essa criança vai cultivando o gosto e o prazer em fazer uso da leitura e da escrita, logo, esse aprendiz faz parte do contexto letramento.

2.1 Leitura e escrita

A leitura nos dias atuais é um procedimento gigantesco e complexo, e está correlacionada intrinsecamente com a escrita. Saber ler não significa unicamente distinguir símbolos e códigos, mas compreender o mundo ao seu redor. A leitura é uma porta principal para o meio social, é através dela que os sujeitos se encaixam em uma sociedade, sendo capazes de construir seu próprio conhecimento.

Hoje em dia despertar o interesse pelo gosto e o prazer de ler, parece ser algo muito difícil. Com relação as crianças que estão em seu processo de alfabetização e letramento, parecem que ler para a maioria delas, não tem nenhum

sentido, pois foram ensinadas para apenas interpretar símbolos e códigos, e não para pensar, compreender e imaginar o que se está lendo. Logo a criança sabe ler, mas, não tem um mínimo de prazer, nem o gosto pela leitura, muito menos compreende o que se está lendo.

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significados para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura [...] (LAJOLO; ZILBERMAN, 1982, p.59).

Para se formar bons leitores e escritores, requer muita prática de leitura e escrita, pois, só se aprende praticando. O ideal é que o interesse por ler e escrever comece bem cedo, quando ainda criança, para Alves (2007) tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história. E o professor é peça essencial nesse processo, e ele precisa também ter o gosto de ler e escrever, pois assim talvez tenha mais chance de trazer seus alunos para o mundo da leitura.

Para Freire (1982) a leitura do mundo precede a leitura da palavra, em outros versos, antes que uma criança seja alfabetizada, aprendendo decodificar os códigos e símbolos, ela já consegue fazer a leitura de tudo ao seu redor, através dos gestos, dos olhares, dos cheiros, do toque. Dessa forma, como qualquer tipo de leitura que cultiva os sentidos e as emoções, as crianças procuram dar sentidos e emoções para o seu mundo.

É importante ressaltar, que na sociedade da informação o ato de ler não se resume apenas em livros, jornais, revistas, entre outros. Com os avanços tecnológicos novas práticas de leitura e escrita surgem, uma nova porta se abre, as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) remodelou essa prática, o que antes era tudo feito no papel agora também se faz em ambientes virtuais.

Consideravelmente, a leitura é muito importante para o aprendizado, é por seu meio que se descobre as maravilhas do mundo, evoluindo assim o conhecimento. Seria como um tesouro escondido, o qual quando se acha, ninguém tira, ninguém rouba, pertencendo para sempre a quem achou.

2.2 Letramento digital

A sociedade atual a qual estamos inseridos, conhecida como sociedade da informação e comunicação, onde os avanços tecnológicos já fazem parte do cotidiano das pessoas, como também do seu meio social. As informações chegam a todo momento a um piscar de olhos, através de jornais, revistas, rádios, televisões, telefones, internet, entre outros.

Com tantas novidades tecnológicas e acesso fácil a internet, surgem novos meios de comunicação, novas práticas de leitura e escrita, tudo mediados pelas tecnologias digitais, que para Moran hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas.

Dessa forma, a leitura e escrita se configuram em um novo espaço, saíram do papel para as telas de computadores, celulares, tablets, entre outros, exigindo assim um certo grau de conhecimento e habilidades dos usuários e através do manuseio e domínio dessas tecnologias digitais, surge o termo letramento digital.

O letramento digital significa o domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver uma multiplicidade de competências na leitura das mais variadas mídias. Um indivíduo possuidor de letramento digital necessita de habilidade para construir sentidos a partir de textos que mesclam palavras que se conectam a outros textos, por meio de hipertextos, links e hiperlinks; elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície (textos multimodais). Ele precisa também ter capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente e ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas pelos sistemas computacionais (AQUINO, 2003, p. 1-2).

Ser letrado digital, requer muita competência no manuseio das ferramentas tecnológicas, além de tudo isso muita compreensão, pois são diversos fatores - positivos e negativos - que fazem parte desse universo digital, e o indivíduo através das informações coletadas, reflita e use de maneira crítica e social, as habilidades de entender e usar informação em formatos múltiplos de uma vasta gama de fontes, quando esta é apresentada por computadores. Para Gilster (1997), as informações vêm de diversas fontes e sempre por intermédio da internet, sem falar que a todo instante são compartilhadas.

Os avanços tecnológicos trazem as informações em questão de segundos, em tempos atrás as pessoas iam em busca de informações, hoje, através de um telefone o indivíduo a todo instante se mantém informado. As informações através

do uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), estão se espalhando muito rápido, e no contexto educacional não poderia ser diferente, algumas escolas já estão se adequando para o uso dessas mídias digitais – televisão, tablete, celulares, entre outros – no entanto não tem uma preparação necessária de como usar as TIC's, nem sabem planejar suas aulas incluindo essas tecnologias como mediadoras de aprendizagens.

Ressaltamos ainda, que muitas escolas ainda estão na visão do ensino tradicional, onde os alunos são meros receptores de informação, e o professor o único detentor de conhecimento dentro da sala de aula, isso é uma atitude errônea, digamos que seja até um retrocesso de informações. O letramento digital está presente nas escolas, todavia, para um bom aproveitamento das informações e para integrar as TIC's de uma maneira eficaz no ambiente escolar, é preciso que o professor seja capacitado e tenha um bom planejamento, pois é o docente que vai mediar as informações trazidas pelos alunos. A utilização de tecnologias digitais portáteis na mediatização dos processos educativos, evidencia novos espaços de ensinar e aprender diferentes dos espaços convencionais (ALMEIDA, 2007).

O letramento digital remete à capacidade do indivíduo de direcionar o uso das tecnologias da informação e comunicação em prol de seus objetivos pessoais, como membro ativo de uma sociedade cada vez mais tecnológica. Não há letramento digital se o indivíduo não tem autonomia, criticidade e poder de reformulação e redirecionamento em relação ao uso que faz das TDIC em sua vida (LÉVY, 1999, p.57).

As crianças que por sua vez já nascem em um mundo caracterizado tecnológico, crescem e se desenvolvem imersas com as tecnologias, mesmo sendo bebês uma simples tela de celular é capaz de acalmar e chamar a atenção da criança. Por outro lado chegam nas escolas repletas de informações e eufóricas, querendo algo novo na sala de aula, isso gera os desafios atuais enfrentados pelos docentes, que muitos deles não sabem como atrair a atenção desses alunos que estão presentes na sala de aula, apenas com o corpo, pois a mente está em um outro lugar.

A sociedade atual, influencia diretamente no modo como as pessoas aprendem. Os jovens de hoje não são como os de antigamente, logo estão vivendo diferente. Dessa forma temos que compreender e investigar bem como a nova geração de estudantes vem aprendendo. Pois, “aprender é muito diferente para os

jovens de hoje do que era a 30 anos atrás. A internet está mudando a maneira com que as crianças coletam e processam informações em todos os aspectos de suas vidas” (PALFREY; GASSER, 2011, p. 269).

Outrossim, para ser um letrado digital, além de ter domínios e técnicas sobre as mídias digitais, também é preciso sobretudo ser letrado na sua língua originária, ou seja, no seu idioma. Dessa forma, esse indivíduo necessita ter um certo domínio na prática da leitura e escrita em todo seu contexto social, categoricamente tem que ser letrado.

Quando o indivíduo não é letrado fica complicado ingressar no mundo digital, logo não vai compreender bem o que as tecnologias digitais revelam de novo, onde as informações por muitas vezes vêm em forma de hipertexto, “que são sequência em camadas de documentos interligados, que funcionam como páginas sem numeração e trazem informações variadas sobre determinados assuntos” (KENSKI, 2007, p. 32). Em outras, palavras está associado as tecnologias de informação, apresentando texto advindo de outros textos gerando uma grande rede de informações interativas, onde o leitor faz uma leitura não linear, não sequenciada.

Contudo, para que haja uma concretização do letramento digital na área educacional, é preciso um grande investimento com relação a base da educação, ou seja, em relação à alfabetização e letramento com fins linguísticos, uma vez que sem o ato de dominar a leitura e escrita, torna-se complicado e difícil a utilização das tecnologias digitais. Talvez assim os alunos não tenham falhas no seu processo de aprendizagem, as quais prejudicam o manuseio das novas tecnologias, por falta de conhecimento que os alunos deveriam ter adquirido nessa fase educacional e não após ela.

2.3 Gêneros digitais

De uma simples carta, para um E-mail, de um simples recado escrito em uma folha de papel, para uma mensagem via Whatsapp, e assim vão se configurando diferentes gêneros digitais através do mundo digital. A cada ano vem só crescendo em acelerado o número de pessoas com acesso à internet, conectados quase que praticamente o dia todo. Diante do exclamado, vem surgindo vários questionamentos na área escolar com relação a prática de leitura e escrita que as crianças e adolescentes vem utilizando em ambientes virtuais.

Certamente, não será fácil dar uma noção clara sobre tema tão complexo no qual, desde a década passada, proliferam as publicações. Já se pode indagar se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um e-mail e outros gêneros do “discurso eletrônico” ou pode a escola tranquilamente continuar analisando como se escrevem cartas pessoais, bilhetes e como se produz uma conversação (MARCUSCHI; XAVIER, 2005, p.17).

Perguntas que permeiam não só as escolas, mas também todo meio social, questionamento tais como: a leitura e escrita vivenciadas por crianças e jovens em sala de bate-papo, no *facebook*, em blogs, em *whatsapp*, que por muitas vezes usam abreviações, *emotions*, não vão prejudicar o letramento proposto nas escolas? Os jovens vivem fluentemente conectados na internet, por meios desses gêneros digitais, dialogam e interagem o dia todo, mas apresentam desinteresse na escrita da sala de aula, e possuem dificuldades em produções textuais. “E muito poucas escolas descobriram conexão entre a maneira como os jovens estão aprendendo em uma era digital, tanto em ambientes formais quanto em informais, e suas próprias missões” (PALFREY; GASSER, 2011, p.268).

No tocante, os usos de gêneros textuais digitais não prejudicam a aprendizagem, muito pelo contrário, podem até desenvolver melhor a escrita dos alunos, e serve como uma orientação por parte da escola, enfatizando o uso desses gêneros como um suporte escolar, ou seja, como os alunos devem se comportar em diferentes gêneros textuais adequando a sua escrita. No entanto deve-se ter certos cuidados, pois nos ambientes virtuais as pessoas encontram um novo método linguístico, com muitas gírias que poderiam modificar a linguagem formal e contravir algumas regras da ortografia.

Sendo assim, salientamos que a linguagem digital possui várias diferenciações linguística, onde a mesma não é submetida a nenhum tipo de correções, isto significa dizer que não existem regras específicas. Temos como por exemplo as salas de bate papo (chat), que afluentemente ocorrem abreviações e muitas gírias na escrita, muitas delas se fixam sendo utilizadas na rotina diária, e outras desaparecem com facilidade servindo penas para aquele momento oportuno.

Outrossim, os gêneros digitais podem ser grandes aliados no processo de ensino e aprendizagem, isto porque, os alunos além de interagir, eles têm bastante interesse pelas práticas de leitura e escrita mediadas pelas novas tecnologias. Atualmente com os contínuos avanços tecnológicos, os gêneros digitais vão se

incorporando como uma nova ferramenta de linguagem no meio social através de: E-mail, site, blogs entre outros, fazendo com que as pessoas estabeleçam comunicação e interação entre eles através de algum desses instrumentos.

Com o advento desses avanços tecnológicos e o surgimento de vários gêneros nesse contexto, a internet e as tecnologias digitais tem transformado o modo como os falantes utilizam-se da língua e determinam as bases de novos gêneros textuais escritos (SCHLOBINSKI, 2012). E dessa forma, o professor tem que aderir a novos métodos, buscando adequar a sua prática de ensino a essa diversidade tecnológica. "O papel essencial do professor será orientar os alunos e buscar os caminhos a produzir conhecimentos, dentro do seu contexto próprio, partindo do que já sabem, dos saberes do senso comum" (MARTINS, 2001, p. 21).

Dessa forma, deve haver uma interação conjunta entre professor e aluno perante as atividades, e conseqüentemente a troca de saberes entre ambos, se torna eficaz. Segundo Moran et al. (2004) os professores e alunos podem utilizar as tecnologias da informação para estimular o acesso à informação e à pesquisa individual e coletiva, favorecendo processos para aumentar a interação entre eles.

Outrossim, usar a tecnologia a favor da educação, é saber utilizá-la com responsabilidade. Não basta apenas inserir as TIC's no contexto educacional, tem que saber utilizar elas como instrumentos mediadores de aprendizagens. Ou ao invés de ajudar, elas simplesmente terão efeitos contrário, logo não conduzirão um ensino de qualidade.

3 ERA DIGITAL

Estamos vivendo em uma sociedade caracterizada pelo uso frequente das novas tecnologias. “Na atualidade, o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pela microeletrônica” (KENSKI, 2007, p. 22). Assim, diferentemente de algumas décadas atrás, hoje, as pessoas modificaram o seu modo de viver em sociedade através do uso contínuo dos avanços tecnológicos, ou seja, a rapidez de como as informações estão chegando, o modo de como as pessoas estão se comunicando, o constante acesso à internet, entre outros, transformaram a convivência e o comportamento humano e todo o seu meio social.

Essas novas tecnologias – assim consideradas em relação às tecnologias anteriores existentes – quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais e a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com o mundo (KENSKI, 2007, p. 22).

Estamos inseridos na era digital também conhecida como sociedade da informação, onde as novas tecnologias já fazem parte do cotidiano das pessoas, e as informações chegam em uma velocidade fazendo com que a internet se torne um meio de comunicação mais hábil da contemporaneidade. A era digital expandiu-se e uma nova forma de se comunicar permeia toda a sociedade, levando informação a diferentes pontos, antes nunca mensurados ou sequer conhecidos. As transformações na era digital são constantes e as rotinas e costumes das pessoas se modificam a todo o momento. Atitudes repentinas e diferentes conceitos preenchem a rotina humana como padrões a serem seguidos com tantas informações que os rodeiam.

“O mais incrível, no entanto, é a maneira em que a era digital transformou o modo como as pessoas vivem e se relacionam uma com as outras e com o mundo que a cerca” (PALFREY; GASSER, 2011, p.13). Sendo assim, a cada minuto fica evidente a agilidade como as pessoas de todo mundo se comunicam, por intermédio de algum meio tecnológico, enviando e recebendo mensagens a todo momento, acessando dados e conteúdos atualizados a toda hora, isso faz parte de quem convive na era digital.

Todavia, esse contexto modificou a interação entre os sujeitos, e seu uso extremo também afastou o convívio e o contato direto entre as pessoas. Hoje nos

comunicamos mais através de um celular do que pessoalmente face a face, ou seja, dificilmente presenciamos pessoas que vivem numa mesma rua conversarem sentadas em frente de suas casas dialogando e botando a conversa em dia. Hoje muitas delas simplesmente mandam uma mensagem quando querem saber ou informar algo, mesmo sendo vizinhos. Isso só nos mostra uma coisa, que mesmo com tanto conforto que a era digital nos proporciona, devemos tomar cuidado com o uso excessivo de algumas tecnologias, tendo um certo equilíbrio sobre elas, evitando assim problemas futuros.

Contudo, o consumismo em larga escala também é um fator derivado da era digital. Hoje não há mais necessidade de sair de casa para fazer compras, através da internet podemos comprar e comparar os preços em diversas lojas digitais, dessa forma a facilidade da entrega e às vezes até os preços mais consideráveis, faz com que muitas pessoas optem por comprar via internet os produtos ao qual desejam do que comprar nas lojas físicas.

Hoje com essas novas tecnologias em constante evolução, faz com que diversas pessoas comprem celulares pelo menos umas três vezes no ano, pois todos os dias surgem novos modelos sempre mais avançados, fazendo dos modelos atuais obsoletos.

Ao falarmos em novas tecnologias, na atualidade, estamos nos referindo, principalmente, aos processos e produtos relacionados com os conhecimentos provenientes da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações. Essas tecnologias caracterizam-se por serem evolutivas, ou seja, estão em permanente transformação (KENSKI, 2007, p.25).

Em toda sua magnitude, as novas tecnologias impactaram todo meio social, inclusive o ambiente escolar, a educação também faz parte desse cenário tecnológico, fazendo com que as escolas adotem medidas diferenciadas na tentativa de ser um potencial na chamada sociedade da informação e comunicação.

Em suma, se faz emergente a mudança de costume no que diz respeito a sua transmissão de informação, para um novo jeito de ensinar, pensar e aprender, preparando sujeitos críticos e até mesmo a própria escola, tornando eficaz os conhecimentos adquiridos. Desse modo, a educação é muito importante e essencial para o desenvolvimento dos cidadãos, para que sejam capazes de integra-se a era digital de forma competente.

3.1 Tecnologias digitais

Ao contrário do que muitos pensam as tecnologias não são apenas os aparelhos eletrônicos, elas se caracterizam desde uma simples folha de papel, até o mais avançado computador, tudo de utensílios e acessórios que nos cercam e facilitam nossas vidas são tecnologias. As tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana Kenski (2007). E dessa forma, essas ferramentas vem acompanhando a humanidade desde seu primórdio, até os dias atuais, e da mesma forma que a espécie humana se desenvolveu ao passar dos anos, as tecnologias cada dia mais avança e facilita a nossa forma de viver.

Quando ouvimos falar em tecnologia, logo pensamos que seja televisão, internet, telefone etc. No entanto, a tecnologia existe a partir do momento que haja necessidade do homem a conviver e sobreviver numa sociedade a qual esteja inserido. Afinal, tecnologia não é só instrumentos eletrônicos, são ideias, invenções, a engenhosidade do ser humano para melhorar seu trabalho, sua convivência, sua locomoção, entre outros. "Na verdade, foi a engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem às mais diferenciadas tecnologias" (KENSKI, 2007, p. 15).

Ressaltamos, que o termo tecnologia é muito abrangente, para Kenski (2007) seria um conjunto de conhecimento e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, dessa forma, podemos definir tecnologias como métodos, processos, técnicas e planejamento que facilitem as atividades cotidianas das pessoas. Outrossim, a revolução tecnológica tem modificado os ambientes nos mais remotos tempos e ocasiões, e, firmando novas opiniões culturais e sociais.

As tecnologias digitais já fazem parte de todo contexto social, e vem se alastrando a todo momento, provocando transformações em tempos reais, seja no aumento de conhecimento científico, na vida em geral, na política, na cultura, exigindo assim um sujeito cada vez melhor e capaz de lidar com todo esse conhecimento avassalador que insurge nas mais diferenciadas situações humanas.

Na atualidade, o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de informação e comunicação e pela microeletrônica. Essas novas tecnologias -assim consideradas em relação as tecnologias anteriormente existentes - quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais e a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com todo mundo (KENSKI, 2007, p. 22).

Atualmente muitas pessoas não conseguem mais viver sem o conforto que as novas tecnologias oferecem. Grande parte da população brasileira usa dispositivos móveis, independentemente de sua classe social, onde o acesso ao noticiário e as informações acontecem a todo momento, essas tecnologias hoje são de fácil acesso, e podem ser utilizadas a todo momento, e das mais variadas formas. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias de informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado (CASTELLS, 1942, p.21).

Ultimamente através dos computadores em rede, *tablets*, e celulares, temos acesso a qualquer informação que desejamos saber, como também dialogamos de várias maneiras, compartilhamos informações, entre outras coisas, essas tecnologias usadas com sabedoria são úteis e essenciais para humanidade. E dessa maneira as tecnologias digitais estão impactando a sociedade, trazendo com ela novos costumes, novos hábitos e novos conceitos, o mundo se remodela a cada dia em decorrência dos avanços acelerados tecnológicos.

Nessa perspectiva, as grandes empresas estão investindo pesado em variadas inovações com o desígnio de alcançar as necessidades presentes no mercado em geral. Algumas escolas já estão buscando meios e alguns recursos para se adequarem a todo esse contínuo processo de evolução das novas tecnologias digitais, com o objetivo de melhorarem o seu processo de ensino e aprendizagem. E as novas tecnologias são as maiores influenciadoras de toda essas posturas adotadas por cada uma entidade. Assim, as tecnologias digitais estão revolucionando todo meio social, permitindo ações antes insonháveis e aprimorando a qualidade de vida das pessoas.

E o mais importante disso tudo, é que independentemente das tecnologias, deve-se entender, designar e dar resolução a um novo modelo de escola, que vislumbre o seu currículo como um caminho a ser estabelecido para e pelos os alunos, como também professores, gestores e familiares.

3.2 As Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na educação

Perante uma situação globalizada a qual usufrui das mais distintas tecnologias para aprimorar inúmeros espaços do conhecimento e da informação, convém dar ênfase às tecnologias de informação, voltada para a educação, que vem

ocupando cada vez mais espaços no ambiente educacional brasileiro. Hoje em dia, quase que todo o andamento da vida social do ser humano está envolvido com as tecnologias. Segundo Fava (2012), A tecnologia está mudando a educação, não apenas na organização, escolha e disponibilidade dos conteúdos, mas também na sua distribuição. Assim as instituições escolares precisam mudar, melhor dizendo, se adaptar a essas tecnologias, ou irão frustrar-se aos nos novos conceitos exigidos pela sociedade digital.

Levando em consideração a disponibilidade de variados recursos tecnológicos oferecidos pelas TIC's, onde os mesmos se fazem presente no cotidiano de muitas crianças e adolescentes, oferecendo prazeres e tomando a atenção desses sujeitos a cada dia e por muitas vezes o tempo todo. As novas tecnologias dispõem dos mais avançados recursos e métodos eficazes, facilitadores de aprendizagem, fazendo com que os famosos métodos conservadores utilizados na maioria das salas de aula, não despertem mais a atenção dos alunos, ocasionando assim uma frustração para o professor, que por sua vez, não sabem como lidar com tal situação e ele deve encontrar a forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e os procedimentos metodológicos (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2004).

A crescente evolução tecnológica, demarcada pela onipresença dos meios de comunicação, determina padrões de comportamento, atitudes, valores e estilos de vida e um universo cada vez mais complexo, no qual é preciso assimilar e reacomodar códigos comunicacionais para captar e acompanhar o ritmo vertiginoso e as transformações que a realidade impõe (GRACIANI, 2014, p. 56).

Mesmo com tanta informação na sociedade do conhecimento, ainda encontramos muitas escolas sem recursos e estruturas para incorporar as TIC's, como também advindos dessa lacuna, ou simplesmente por não saberem dominar tais tecnologias. Assim, os professores que não inovam suas práticas pedagógicas, podem provocar, um desinteresse da maioria dos alunos em se fazer presente em sala de aula. E dessa forma, os educandos continuam recebendo uma educação verborrágica que desconhece ou não se aproveita das inovações trazidas pela tecnologia (GRACIANI, 2014).

Refletir sobre a utilização das ferramentas tecnológicas no processo pedagógico do ambiente escolar, na perspectiva sobre o uso das novas tecnologias,

deve integrar essas ferramentas de uma maneira criativa, incentivando todo meio de transmissão de conhecimento. Assim, as TIC's devem fazer parte das mais variadas atividades de sala de aula, com a finalidade de propiciar aos alunos uma aprendizagem onde os mesmos sejam protagonistas desse processo. Contudo, é importante na aprendizagem, integrar todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, lúdicas, as textuais, musicais (MORAN et al., 2004).

Em nossa sociedade contemporânea, a presença das tecnologias digitais cria novas possibilidades de expressão e comunicação, assim novos estilos de diálogo, como a criação e o uso de imagens, de som, de animação e a combinação dessas modalidades. Estas facilidades passam a ordenar diferentes habilidades, de acordo com as diversas modalidades utilizadas.

E dessa forma, a integração das novas tecnologias nos ambientes escolares, precisa urgentemente de um novo cenário, um ambiente adequado para a utilização e mediação das tecnologias para favorecer um aprendizado qualificado. Onde o convívio e interação entre os professores e alunos possam evoluir a cada dia, formulando assim uma troca de conhecimentos, pois o professor aprende ao ensinar e o ensino inexistente sem aprender e vice-versa (FREIRE, 1996). Nesse contexto, é preciso que a educação crie espaços próprios de expressão que auxiliem o educando na exteriorização de seus sentimentos, alavancando-os no seu desenvolvimento e integração (GRACIANI, 2014).

Compreender as TIC's nesse cenário, é fazer uso dela não só como uma ferramenta auxiliadora, mas também como uma ferramenta necessária as atividades escolares. No entanto, é fato e notório, que as novas tecnologias por se só, não vão salvar a educação de suas lacunas e fracassos existentes, em especial nos primeiros anos iniciais. Hoje não é difícil, mas sim muito fácil encontrarmos alunos no 5º ano do ensino fundamental com sérios problemas na leitura e escrita. Assim a tecnologia tem sua importância apenas como um instrumento para favorecer a aprendizagem de alguém. Não é a tecnologia que vai resolver o problema educacional do Brasil (MORAN et al., 2004).

Ressaltamos que os problemas existentes na educação básica, não é culpa especificamente do professor como muitos pensam, esse problema é gerado por diversos fatores – escola, família, políticas públicas educacionais, entre outros – por um lado existem as escolas que não inovam em seu processo de ensino e aprendizagem. Ainda temos a família que, boa parte se mostra desinteressada na

educação de seus filhos, resultando em filhos desestimulados em sala de aula. E por sua vez, temos as políticas públicas, que deixam a desejar em seus investimentos educacionais.

3.3 Professores digitais

Relacionado a educação, ocorre um momento único e particular, como também muito preocupante pelas devidas transformações ocorrentes, que irá causar no trabalho dos docentes. Ultimamente existem algumas tecnologias – tablets, computadores, celulares – que são poderosíssimos instrumentos capazes de facilitar a aprendizagem e de fácil acesso à internet, onde os alunos já praticamente dominam esses instrumentos tão melhor quanto a maioria dos professores.

Os estudantes da era digital sabem usar a contento esses recursos tecnológicos no seu cotidiano. E entusiasmados pelo novo padrão de um mundo caracterizado pelas tecnologias, nasceram privilegiados numa era onde a comunicação e a informação estão disponíveis para todos. As crianças ultimamente conversam e interagem com seus colegas, e na maioria das vezes, pelas redes sociais. Logo, para essas crianças o mundo digital faz parte de sua vida, pois é uma referência para se divertirem, brincarem, estudarem, entre outras realizações de atividades diárias.

Em todo esse contexto, o professor por sua vez além de transmitir valores educacionais, também começa a ser mediador de conhecimento, dessa forma ele assume um papel muito importante para a educação, com o auxílio das novas tecnologias. Contudo, é preciso muita competência na escolha de programas educacionais que sirvam para aprimorar o aprendizado dos alunos, não se deter diante de tantas possibilidades de informação, saber selecionar as mais importantes (MORAN et al., 2004). É notório que os recursos disponibilizados pelas tecnologias digitais por se só não facilitam a aprendizagem do alunado, para que isso ocorra com satisfação, é preciso um planejamento eficaz sobre a utilização desses recursos, com o objetivo de tornar as aulas mais dinâmicas, participativas, atrativas e ricas em conhecimentos.

As tecnologias digitais determinam e exigem mais tempo do professor na elaboração de suas aulas, além de muita competência, exige também ter conhecimento sobre o que vai utilizar, pois, quando se trabalha com crianças, deve

respeitar sua faixa etária para a utilização dos conteúdos a serem aplicados. Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, escolher as verdadeiramente importantes, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda (MORAN et al., 2004).

O tempo que sobra para a maioria dos docentes é pouco para planejar uma boa aula, esses por sua vez trabalham o dia todo, as vezes até durante a noite, chegando em casa cansados de um dia de luta. Sem falar que ainda existem aqueles docentes que se aproveitam da situação tecnológica e simplesmente enrolam o alunado exibindo vídeos, que muitas vezes o próprio professor não sabe do que se trata, muito menos faz uma associação do vídeo, levando assim uma frustração na sala de aula entre os discentes.

Todos nós conhecemos várias histórias sobre o mau uso da tecnologia ou o que não deu certo na relação entre educação e tecnologias. Muitas vezes, o aluno sente que aquele vídeo longo é uma forma de o professor ocupar o tempo, por várias razões. A mais comum, porque não preparou a aula. Deixa a turma vendo o filme enquanto descansa, corrige exercícios ou faz alguma atividade. O pior é que na aula seguinte, não são feitos comentários sobre a "aula" anterior, o conteúdo do filme ou mesmo as relações entre o vídeo e os assuntos da matéria (KENSKI, 2007, p.54).

Hoje em dia, ser professor já é um desafio constante, a atuação dos docentes em sua maioria é nas escolas públicas, onde as mudanças acontecem vagorosamente em relação as tecnologias a serem aplicadas. Quando as escolas possuem equipamentos tecnológicos faltam pessoas para auxiliar, quando existem funcionários, não são capacitados para usarem tais tecnologias. Esse é um dilema encontrado na maioria das escolas.

Frequentemente encontramos salas de informática nas escolas públicas, por menor que seja a escola, possui uma sala com vários computadores bonito de se ver, mas fica apenas no bonito, pois a maioria dos computadores estão quebrados ou simplesmente parados por falta de profissionais capazes de serem os mediadores entre a aprendizagem e a máquina.

Ressaltamos que nessa era digital existem professores aperfeiçoados para utilizar meios tecnológicos em suas aulas, porém existe uma barreira que o impede de avançar, "a própria escola", que não dispõe de recursos abrangentes das tecnologias e muitas vezes não facilita o acesso à internet, dificultando assim a prática pedagógica de muitos professores. Muitas escolas já possuem acesso fácil a

internet, mas não permitem o acesso aos professores, muito menos aos alunos, talvez por medo de ambos ficarem conectados no mundo digital, esquecendo do seu real papel na sala de aula, ou simplesmente por não saberem capacitar seus profissionais para o uso da internet em sala de aula.

Enfim, os professores se veem submersos e encurralados com tantos problemas revelados em uma era digital, onde os mesmos estão em constantes desafios, não só em suas práticas pedagógicas, como também no seu próprio ambiente de trabalho, que muitas vezes, dispõe de ferramentas tecnológicas limitadas para auxiliar o seu trabalho didático pedagógico. Essa é uma lacuna que está longe de ser resolvida.

Saber preparar suas aulas adequando os métodos tradicionais auxiliados pelas tecnologias digitais é uma tarefa complicada e difícil, pois, os docentes se deparam com vários aprendizes curiosos por inovações, querendo sempre novidades nas aulas.

Encontramo-nos em um período de transição. As ferramentas digitais vão achar seu lugar nas escolas e nas bibliotecas. Já lidamos antes com transições deste tipo. A parte difícil, durante a transição, será discernir o que preservar da educação tradicional e o que substituir por novos processos e ferramentas digitalmente mediados (PALFREY; GASSER, 2011, p.284).

Adequar as novas tecnologias em um ambiente inovador é uma tarefa muito difícil e árdua, o professor precisa ter postura digital e muita competência. Antigamente se faziam muitas pesquisas nas bibliotecas, hoje a maior parte das pesquisas estão sendo feitas na internet, que por um lado a rapidez de informação que chega, torna a vida tanto do professor como do aluno mais fácil, porém nem tudo que a internet informa é seguro e verdadeiro, devemos assim, ter um pouco de critério a respeito dessas pesquisas.

Embora as novas tecnologias sejam muito importantes em todo o processo de ensino aprendizagem, o papel principal e fundamental quem faz é o professor, mediando conhecimentos para seus alunos. Fazendo com que seus aprendizes saiam da sala de aula, com plena capacidade de desfrutar das possibilidades educativas que o universo digital vem oferecendo.

3.4 Aprendizes digitais

Hoje é comum perante esta era digital, encontrarmos crianças movimentando seus dedinhos em uma tela de celular ou tablet, já sabem abrir e fechar alguns aplicativos, como também procurar no youtube seus vídeos favoritos, e o interessante é que elas ainda não sabem ler nem escrever convencionalmente. Mesmo assim, já começam a ter um certo domínio sobre as tecnologias. Antes de chegar à escola a criança passa por processos de educação importantes como o familiar e o da mídia eletrônica, e neste ambiente vai desenvolvendo suas conexões cerebrais, roteiros mentais, emocionais e linguagem (MORAN et al., 2004).

Diante da sociedade da informação, a qual estamos todos inseridos, as crianças vêm crescendo imersas de tecnologias, onde as mesmas conversam, brincam, escutam músicas, baixam vídeos, entre outros artefatos. Esses jovens querem ler zapeando os textos, como fazem na televisão e no uso de muitas mídias (KENSKI, 2007). As revistas, os jornais e os livros parecem que não atraem mais a atenção desses jovens para possíveis aprendizagens. “Da mesma forma, quando usados exclusivamente, livros, textos de revistas e jornais podem não ser os meios mais eficientes para chegar à aprendizagem, sobretudo entre esses jovens” (KENSKI, 2007, p. 55).

Para melhor compreensão da interação e comunicação desses jovens, profundamente imersos nos meios tecnológicos, são comumente chamados de nativos digitais, termo esse criado por Prensky (2001), que conforme esse autor, os nativos digitais, são sujeitos que nasceram e vem crescendo no meio dos avanços tecnológicos, conseqüentemente, mantém contato com elas desde cedo, os tornando habilidosos no manuseio das tecnologias. Essa geração de nativos possuem uma identidade virtual gigantesca, pois passam maior parte do seu tempo conectados no mundo virtual, eles acessam muito mais informações sobre um tópico em que estão interessados do que os jovens das gerações anteriores jamais poderiam fazer (PALFREY; GASSER, 2011).

Mattar (2010) afirma que os jovens de hoje não aprendem numa estrutura linear, como era antigamente, “eles possuem mentes hipertextuais”, nesse contexto gera muitas preocupações entre os pais e professores desses jovens, por constatarem que eles vivem muito tempo conectados, conversam mais através das mídias digitais do que pessoalmente, gerando certas dúvidas em relação a sua aprendizagem, pois muitos deixam de ler grandes livros por simplesmente procurar

resumo dos mesmos na internet, a maneira que esses jovens aprendem hoje é diferente da maneira de como seus pais aprenderam no passado.

O simples fato de os Nativos Digitais não aprenderem coisas da mesma maneira que seus avós o fizeram não significa que a maneira como esteja aprendendo seja pior. As evidências que temos não indicam que eles aprendam menos que seus avós, ou mais superficialmente. Na verdade os nativos digitais são bastante sofisticados na maneira que coletam as informações (PALFREY; GASSER, 2011, p.271).

Presenciamos a todo instante, em qualquer sala de aula da contemporaneidade, estudantes conectados à internet via celular, e ao mesmo tempo com um tablet ou notebook dentro da bolsa prontos para serem usados a qualquer momento. É praticamente impossível separar os jovens e as crianças da tecnologia, e é inevitável que a educação procure se adequar seguindo o modelo e os hábitos deles, para garantir que essa nova geração não desista dos ensinamentos das escolas. É neste contexto que a preocupação por parte de pais e professores vem à tona e precisa ter mérito, pois existe vários problemas relacionados a esses jovens que tendem a ficar em salas de aulas conectados a todo instante, trocando mensagens via Whatsapp ou em outra rede social, esquecendo do que estar sendo explicado em sala, sem prestar nem um pouco de sua atenção.

Como os professores estão na frente da sala, podemos dizer que os alunos estão usando a internet durante um seminário para trocar mensagens, ler notícias online e se divertir de uma outra maneira. Há uma preocupação óbvia sobre os estudantes não prestarem atenção suficientes à tarefa que deve ser realizada prioritariamente – neste caso, aprender sobre direito (PALFREY; GASSER, 2011, p. 274 - 275).

A cultura digital influencia no modo como as pessoas vem aprendendo e se comunicando. Dessa forma, temos de compreender muito bem quem são nossos alunos, para perceber como eles aprendem. Se não entendemos quem eles são, e de qual maneira eles vem se informando e obtendo conhecimentos, permanecemos eventualmente iludidos com relação ao que, de fato, os discentes conseguirão estudar. O aluno por muitas vezes estar inserido na sala de aula, mas desconectado da mesma. Para isso temos de ter atitudes e postura educativa, perante essa realidade, procurando assim as variadas formas que as atuais gerações estão

aprendendo em todo esse contexto social digital para poder ser o mediador do processo de ensino e aprendizagens.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa será realizada em duas instituições públicas de ensino fundamental I, designadamente nas turmas do 3º ano dos turnos matutino e vespertino das escolas: Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Orlando Soares de Oliveira e na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Severino Alves, localizadas na cidade de Sapé – PB, tendo como sujeitos da pesquisa a participação exclusivas dos alunos.

Será realizada nas referidas escolas uma pesquisa de campo, com a finalidade de coletar informações que possam elevar nossos conhecimentos a respeito do tema a ser investigado.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 186).

Com base na citação acima, seguimos investigando com a finalidade de coletar as informações cabíveis e necessárias, gerando assim um universo de saberes importantes para enriquecer nossos conhecimentos.

Complementarmente, iremos utilizar o método comparativo, e Segundo Lakatos e Marconi (2003), este procedimento realiza comparações, com a finalidade de verificar e explicar divergências. Dessa forma, vamos comparar as informações coletadas dos sujeitos a serem investigados em ambas as escolas. Simultaneamente iremos enfatizar as diferenças e semelhanças dos fatos e das pessoas.

O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles. Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais separados pelo espaço e pelo tempo (GIL, 1989, p. 35).

Assim sendo, delineamos como problema a investigar: De que forma as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) contribuem para o

conhecimento e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nas turmas do 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas em Sapé/PB?

Sendo o objetivo principal dessa pesquisa, analisar as contribuições das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) para o conhecimento e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. É válido salientar, que as crianças de hoje já nasceram num mundo caracterizado pelas tecnologias digitais, e teriam portanto seu aprendizado alterado através do uso contínuo das novas tecnologias. Isso gera uma preocupação entre os pais e os professores uma vez que muitos deles ainda não se adaptaram nesse contexto tecnológico, e não compreendem como as crianças de hoje processam as informações, ou seja, a maneira como se aprende hoje está mudando rapidamente, e não é do mesmo jeito de como se aprendia décadas atrás.

Os adultos estão preocupados com a maneira como as crianças estão aprendendo. Na ausência de dados claros, muitos pais e educadores temem os efeitos que as tecnologias digitais estão tendo sobre nossas crianças e sua capacidade de aprender. Os pais e avós se preocupam porque as crianças não estão lendo os livros do início ao fim da maneira como costumavam fazer (PALFREY; GASSER, 2011, P.269).

Para tanto a abordagem desta pesquisa será de caráter qualitativa como também quantitativa que se definem a partir da abordagem do problema formulado, visando à comparação das causas atribuídas a ele. Onde a pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2008), trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Já a quantitativa abrange as estatísticas, quantificando os dados para responder o problema da pesquisa, considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (MENEZES; SILVA, 2001).

Os dois tipos de abordagens e os dados advindos, porém não são incompatíveis. Entre eles há uma oposição complementar que, quando bem trabalhada teórica e praticamente, produz riqueza de informações, aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa (MINAYO, 2008, p. 22).

Outrossim, faremos uso da modalidade de pesquisa bibliográfica. Sendo a pesquisa bibliográfica uma fonte desenvolvida através de material já elaborado como: livros, revistas, jornais, entre outras coisas.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

Para isso se faz necessário e importante a pesquisa bibliográfica por ela ser uma fonte inesgotável de saberes distintos e peculiares, fazendo com que o pesquisador alcance seus objetivos com os mais variados conteúdos de diversos autores e especialistas que tratem do tema em questão.

De outro modo, foi imprescindível também o estudo de caso, que ora nos guiou, e se diferencia por ser um tipo de investigação que apresenta como objeto uma unidade que se possa analisar de forma mais aprofundada. E segundo Gil (1989), é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do mesmo. Dessa forma, esse procedimento contribui para o nosso conhecimento, como uma forma de compreender melhor os fatos que ocorrem, ou motivos que levam a uma determinada decisão.

Dessa forma, também vamos utilizar como auxílio as pesquisas descritiva e explicativa, onde as mesmas têm por base os objetivos do estudo na tentativa de chegar a uma resposta, a uma definição do problema em questão.

Por um lado, a pesquisa descritiva também é de extrema importância por envolver técnicas de coletas de dados, como questionário e observação sistemática.

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 1989, p.45).

E através da pesquisa explicativa onde o próprio nome já diz tudo, ela visa explicar o porquê das coisas, dos fenômenos, uma vez que aprofunda o conhecimento de uma dada realidade.

São aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência. Est é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais

complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente (GIL, 1989, p.46).

A técnica para coleta de dados será a entrevista, onde, através de conversas com os sujeitos, buscaremos informações importantes e pertinentes, no sentido de tentar responder ao nosso problema da pesquisa. A entrevista em si, representa um processo de coleta de dados na qual o pesquisador tem um contato mais direto com a pessoa, no sentido de se inteirar de suas opiniões acerca do determinado assunto.

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o entrevistador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é por tanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 1989, p.113).

As entrevistas são consideradas conversas com propósitos bem definidos e organizados, podendo ser entre duas pessoas, ou com várias ao mesmo tempo. Através do entrevistador, inicia a conversa tendo como foco principal a captação de informações para o objeto da pesquisa, a abordagem que o entrevistador deve ter é com base ao tema a ser investigado e aos objetivos a serem seguidos. Contudo, a entrevista pode ser estruturada e semiestruturada. A estruturada o pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas a determinada situação, de alterar a ordem dos tópicos ou de fazer outras perguntas Lakatos e Marconi (2003), é com base em questionamento previamente estabelecidos, “desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número (GIL, 1989, p.117) ”.

A semiestruturada também se define por um conjunto de questões, mas, difere da estruturada por ser flexível, ou seja, o entrevistador a qualquer momento da entrevista pode incluir mais perguntas se assim achar necessário, “ combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (MINAYO, 2008, p.64) “.

As conversas serão simples e de fáceis compreensão com propósitos bem definidos, para que de algum modo os sujeitos se sintam à vontade e livres para dialogar e assim a interação entre entrevistador e entrevistado chegue a uma conclusão satisfatória.

Serão entrevistados, 20 (vinte) alunos em processo de alfabetização e letramento do 3º ano das escolas: Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Orlando Soares de Oliveira e a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Severino Alves, localizadas na cidade de Sapé – PB. O material foi gravado, transcrito e posteriormente analisado.

Com relação ao procedimento dos dados coletados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, que segundo Gil (1989), tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. A análise de conteúdo é um procedimento que examina as comunicações, analisando o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador, dessa forma é extremamente importante a análise de conteúdo, já que a mesma pode ultrapassar as incertezas, e descobrir o que é questionado.

Assim, optamos por tomar como base deste estudo, as etapas da técnica propostas por Bardin (2011), uma vez que, é a obra mais citada em estudos qualitativos, levando em consideração as etapas da técnica explicitadas por esta autora. Assim as etapas são organizadas em três fases: 1ª pré- análise, 2ª exploração do material e 3ª tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Contudo, na primeira fase a pré - análise, como utilizamos a entrevista como técnica, estas foram todas gravadas e posteriormente transcritas e organizada, assim estabelecemos a leitura geral do material para a análise. Para a exploração do material, que constitui a segunda fase, os textos das entrevistas foram recortados em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos), nessa acepção procuramos compreender o sentido da fala dos entrevistados. Na terceira fase que compreende o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, conforme Gil (1989) a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, dessa forma, captamos os conteúdos contidos em todo o material coletado. Seguindo essas etapas, na análise comparativa ressaltamos os aspectos considerados semelhantes e os que foram concebidos como diferentes. Outrossim, “através da análise de conteúdo, podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (GOMES, 2008, p.84).

4.1 Análises dos dados da pesquisa

4.1.1 Contextualizando o campo de investigação

As instituições escolares públicas, que compõem nosso universo de pesquisa estão localizadas na cidade de Sapé – PB, e atendem desde a educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental I, como também uma das escolas oferece a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Primeiramente, a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Orlando Soares de Oliveira, fundada no ano de 1990, passando por uma reforma em 2013, atualmente a escola funciona em dois turnos – matutino e vespertino - e atende a educação infantil e o ensino fundamental I. A estrutura física da referida escola é composta por 5 (cinco) salas de aulas, contendo um laboratório de informática com 18 (dezoito) computadores, cada um possuindo monitor, teclado e mouse, porém nem todos funcionam por estarem quebrados. Os computadores possuem internet, e servem para os alunos fazerem algumas atividades escolares. A escola também possui rede Wifi, não disponível para os alunos, uma cantina, não tem biblioteca, apenas uma prateleira com poucos livros expostos, e um espaço de convivência que serve para os alunos brincarem no intervalo.

A escola Orlando Soares, atende 155 (cento e cinquenta e cinco) alunos matriculados, nos dois turnos nas respectivas séries que a escola oferece. Em média a maioria desses alunos são de situação socioeconômica desfavorável.

Quanto ao seu corpo docente, a referida instituição possui 7 (sete) professores, sendo todos efetivos. Com relação a formação desses professores, todos com ensino superior nos seguintes cursos: História, administração de empresas, Educação Artística, Pedagogia, Geografia e Letras, sendo 4 dos professores com especialização em Psicopedagogia e 1 em Educação Especial. Estes docentes contam com aparatos a sua disposição com alguns recursos didáticos e tecnológicos para utilizar nas aulas, tais como: data show, impressora, televisão e som.

A escola possui também uma diretora e completando o quadro de funcionários a instituição escolar possui 2 (duas) merendeiras, um vigia noturno,

um porteiro manhã e tarde, 2 (duas) auxiliares de serviços gerais, uma agente administrativa, e uma supervisora educacional.

O espaço interno da escola é pequeno, sendo pouco cativante, por ser um ambiente escolar atuante da educação infantil ao ensino fundamental I, deveria ser mais decorado em função das crianças que o frequenta. Em outras palavras, paredes totalmente limpas, sem nenhuma informação nem ilustração, as portas das salas sem nenhuma decoração, muito menos dentro das salas. A escola deveria ser mais chamativa e cativante.

Com relação a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Severino Alves, situada a Rua Francisco Laurentino, S/N, no Bairro São Francisco, surgiu dos anseios de 350 famílias moradoras do bairro. Pois não existia nesta comunidade nenhuma unidade escolar que atendesse aos interesses das crianças. Com base em informações dos moradores da época. A população desta localidade organizou-se e juntamente ao líder comunitário e ex-vereador Sebastião A. da Silva solicitando do prefeito José Feliciano Filho a construção desta escola. Para a concretização deste sonho o morador do bairro Sr. José L. de França fez doação do terreno no dia 06 de Junho de 1984, onde foi edificada a mesma.

A denominação da escola foi em homenagem a um líder político o ex-candidato a prefeito Severino Alves Barbosa da comunidade de Sapucaia, pertencente ao município de Sapé. Portanto no dia 16 de Junho de 1984 foi inaugurada e teve sua primeira gestora a Sr^a Maria José Rodrigues. Esta instituição começou a funcionar com 522 alunos e tinha um quadro de funcionários composto por 1 diretor, 11 professores, 2 vigilantes e 2 auxiliares de serviços gerais.

Atualmente a escola passou por um processo de reforma fiel a sua estrutura inicial, sendo considerada uma arquitetura moderna, mas mesmo assim ainda precisa ser melhorada, necessitando de um refeitório para adequação do Programa Mais Educação, e de uma quadra de esporte para realização de atividades esportivas e eventos.

Hoje a escola funciona nos três turnos – matutino e vespertino com a educação infantil e ensino fundamental I, e noturno com a EJA (ciclo I, II e III) – presentemente, a escola apresenta sua estrutura física composta por 6 (seis) salas

de aulas todas climatizadas e com bebedouro de água por sala, também conta com um laboratório de informática climatizado com 15 computadores, cada um possuindo monitor, teclado e mouse, porém nem todos funcionam por estarem quebrados. Os computadores possuem internet, e servem para os alunos fazerem algumas atividades escolares.

A escola também possui rede Wifi, não disponível para os alunos, uma cantina, uma secretaria, uma sala de vídeo, uma biblioteca climatizada bem decorada e com vários livros disponíveis para os alunos e professores. Foi notório a percepção do movimento por parte dos discentes na biblioteca em busca de livros para posteriormente em suas casas fazerem as leituras, possui também um espaço de convivência.

A escola Severino Alves, possui o número de 378 (trezentos e setenta e oito) alunos matriculados, nos três turnos, nas respectivas séries que a escola oferece. Em média a maioria desses alunos são de situação socioeconômica desfavorável. Quanto ao corpo docente, a referida instituição possui 14 (quatorze) professores sendo 12 (doze) efetivos e 2 (dois) contratados. Com relação a formação destes professores, 10 deles formados em pedagogia sendo 6 com especialização, 1 formado em letras, 1 com graduação em letras incompleta, e 2 com graduação em pedagogia incompleta. Estes professores contam com aparatos a sua disposição com alguns recursos didáticos e tecnológicos para utilizar nas aulas, tais como: impressora, televisão e som. A escola ainda precisa melhorar a respeito desses aparatos tecnológico, apenas esses não são o suficiente para fazer uso nas aulas presenciais. O data show por exemplo, a escola já deveria ter no mínimo um, já que este aparelho aprimora novos horizontes em uma sala de aula, promovendo um ensino com dinamismo e qualidade.

A escola possui também uma diretora e completando o quadro de funcionários a instituição escolar possui 2 (duas) merendeiras, um vigia noturno, 5 (cinco) auxiliares de serviços gerais, e 2 (duas) secretárias.

A escola apesar de seu espaço interno ser pequeno, mostra ser um ambiente propício para os alunos. Pois é bastante decorada, cheia de cartazes e painéis comemorativos. Todas as portas das salas com decorações em forma de

rosthinhos felizes, e os tetos pintados de azul com algumas nuvens desenhadas, uma forma de transmitir harmonia e de acolher quem passa bom tempo dentro da sala. Inclusive a sala da direção, muito organizada, bem como a cantina contendo os cardápios semanais e alguns legumes e frutas impressos decorando suas paredes, sendo uma forma de induzir uma alimentação saudável para as crianças.

4.2 Análise dos dados coletados com os discentes das escolas investigadas

4.2.1 Caracterização dos sujeitos investigados

Com o intuito de analisarmos quais as contribuições que as tecnologias digitais de informação e comunicação, trazem para o conhecimento e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos sujeitos investigados das duas escolas. Traçamos no desenvolvimento da pesquisa realizar entrevistas individuais com os alunos e alunas das duas escolas ora mencionadas. E dessa forma seguimos um roteiro (Apêndice A) com perguntas previamente estabelecidas e organizadas uma a uma.

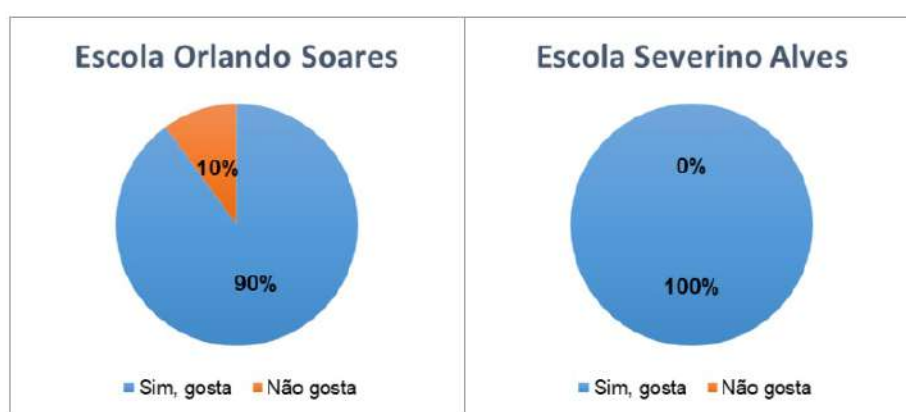
Sendo assim, entrevistamos 20 (vinte) alunos das turmas do 3º ano do ensino fundamental I, sendo 10 alunos por escola investigada. As entrevistas tiveram em média 8 minutos, todas foram gravadas e, posteriormente transcritas para então serem analisadas. Vale ressaltar que, a seleção dos sujeitos para serem entrevistados, buscou respeitar a diversidade de sexo como também os níveis de letramento de cada um. Logo, encontra-se entre os sujeitos investigados um número de 11 (onze) do sexo feminino, e 9 (nove) do sexo masculino, totalizando 20 (vinte) no geral.

A partir das entrevistas, exibiremos no proceder desta subseção cada pergunta presente no roteiro (Apêndice A) que estabelecemos, para tentarmos identificar na fala dos entrevistados as contribuições das TIC's no seu processo de letramento.

A faixa etária dos pesquisados variou entre 7 e 9 anos, portanto, fazem parte de uma sociedade de informação permeada pelas tecnologias, onde nasceram e cresceram em uma época em que as tecnologias digitais permeiam todo seu meio social.

Assim algumas perguntas do roteiro da entrevista foram necessárias para compreender como esses sujeitos vem utilizando as novas tecnologias em favor de sua aprendizagem dentro e fora da escola, e como eles enfatizam e pensam sobre o ambiente escolar que eles estudam. Assim como também seus professores contemplam as ferramentas digitais em sala de aula.

Gráfico 1 – Gosta de vir para a escola?



Fonte: Pesquisa direta (2018).

De acordo com o gráfico acima, a maioria dos alunos gostam de vir a escola (90% e 100%), e apenas um número pequeno 10% significativamente não gosta de vir a escola. Mostrando assim interesse de ir estudar nas escolas pela maioria dos investigados. Porém diferentemente da escola Severino Alves onde todos os alunos gostam de vir para a escola, a escola Orlando Soares 10% dos alunos não gostam de frequentar a instituição.

A escola é a segunda família dos alunos, lá eles aprendem muitas coisas, deste a ler e escrever, como também a brincar, compartilhar objetos, fazer novas amizades. É através da instituição que alguns alunos fazem suas primeiras descobertas. Muitas das vezes a própria escola é uma proteção, pois muitas crianças são amedrontadas no próprio leito familiar. E dessa forma a instituição escolar deve ser um ambiente propício para a aprendizagens de seus discentes, deve ser acolhedora, cativante e atraente, fazendo com que todos sintam o prazer de sempre frequentar a escola.

Todavia, os próximos gráficos 2 e 3, vem mostrando o que esses alunos mais gostam e o que não gostam das escolas investigadas, seja ler livros, fazer

tarefas, das professoras, entre outras coisas, mostrando assim o comprometimento dos alunos com as escolas.

Gráfico 2 - O que você mais gosta da escola?



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Diante das informações, podemos perceber que os alunos revelam suas preferências no contexto escolar, de forma positiva ou não. Na escola Orlando Soares nenhum dos alunos gostam de ler livros, diferente da escola Severino Alves, onde apenas 30% dos alunos gostam de ler livros, isso reforça a ideia de como uma biblioteca escolar faz diferença na vida escolar de um estudante, no sentido de incentivar o gosto pela leitura. Pois esta referida instituição possui biblioteca e a outra escola não. Dando continuidade 10% dos alunos da escola Orlando Soares gostam da sua professora, se assemelhando a escola Severino Alves que também 10% dos discentes afirmaram gostar da professora.

Quando existe uma cumplicidade, uma familiaridade entre alunos e professores, o aprendizado se torna mais eficiente. Ter uma boa convivência, ao invés de conflitos gerados na sala de aula, garante um ambiente saudável e propício para o aprendizado. Quando o aluno, gosta do professor, faz com que a vontade dele de ir à escola aumente cada dia mais. Dessa forma, faz com que o discente tenha mais disposição de aprender, e os professores sintam mais vontade de aprimorar seus conhecimentos, ensinando com qualidade.

Foi possível perceber que 70% dos alunos, a sua maioria gosta de ir à escola Orlando Soares para estudar, aprendendo assim a ler e escrever e 20% deles gostam apenas das brincadeiras que a escola oferece, levando em

consideração que na escola Severino Alves, apenas 50% gostam de estudar, e 10% deles gostam de brincar na escola.

É notório o interesse dos alunos pelas escolas, mesmo que alguns deles não tenham o gosto e o prazer de ler livros, como foi constatado em uma delas. Sendo assim, podemos concluir que a escola precisa desenvolver o gosto e o prazer pela leitura. Assim como se faz necessária uma biblioteca escolar disponível para seus alunos. Segundo Alves (2004) as escolas só terão realizado a sua missão se forem capazes de desenvolver nos alunos o prazer da leitura, pois, quanto mais se ler, mais se aprende.

Gráfico 3 – O que não gosta da escola?



Fonte: Pesquisa direta (2018).

De acordo com o gráfico acima, podemos perceber uma diferenciação com as respostas dadas pelos alunos referente as suas escolas. 60% dos alunos da escola Orando Soares não gostam das atividades propostas em sala de aula, e 20% deles não gostam de sua professora, como também 20% dos discentes não gostam do recreio escolar, esse último percentual foram de crianças um pouco retraídas e tímidas, talvez passem por momentos perturbados na família, ou não estão tendo uma infância com brincadeiras no leito familiar, trazendo para a escola o desinteresse em brincar no recreio escolar.

De outro modo a escola Severino Alves, 30% dos alunos não gostam de algum colega de classe, 20% deles não gostam de alguma professora que faz parte do corpo docente, e um número bastante significativo de 50% dos alunos afirmaram

não existir nada na escola que eles não gostem, ondem os mesmos disseram que gostam de todo o ambiente escolar.

Os próximos gráficos 4 e 5, mostra o que os alunos pensam e o que eles mais gostam da professora.

Gráfico 4 – O que pensam sobre a professora



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Com base nas informações recolhidas, constatamos que a escola Orlando Soares 60% dos alunos consideram sua professora boa, onde os mesmos afirmaram que ela é boa devido as atividades que ela passa ser fáceis para a compreensão deles, 30% acham ela chata e 10% não soube opinar a respeito da professora. Em comparação com a escola Severino Alves, a diferença é que nenhum dos alunos tem um pensamento negativo a respeito da professora, todos sem exceção gostam de sua docente.

A essência de um excelente professor está em sua postura, não adianta ser bom demais aplicando atividades não desafiadora aos alunos, com medo talvez de ser odiado por passar atividades complexas. O bom professor deve instigar o aluno, prover curiosidade no mesmo, não precisa ser arrogante para isso, basta apenas ter pulso firme e ser crucial no que se planeja.

Gráfico 5 – O que você mais gosta de sua professora



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Com essas informações, fica claro que na escola Orlando Soares 70% dos entrevistados gostam mais das atividades proposta pela professora, segundo a maioria deles são atividades muito fáceis, por isso que eles gostam mais da docente. E 10% gostam apenas dos desenhos que a professora traz como atividade, 10% não souberam falar a respeito, e 10% afirmaram que gosta do carinho que a professora tem por eles.

Uma das maneiras de aumentar e aperfeiçoar nossa prática educativa, é criar variações e adaptações dentro de uma mesma atividade proposta em sala de aula. Devemos conciliar todo processo de alfabetização, de acordo com grau de dificuldades de cada aluno, adotando as atividades complexas, mas possível de ser resolvidas, e com as devidas explicações. Muitas das vezes, propor apenas atividades fáceis demais, não estimula, não desafia, muito menos desenvolve a aprendizagem dos discentes.

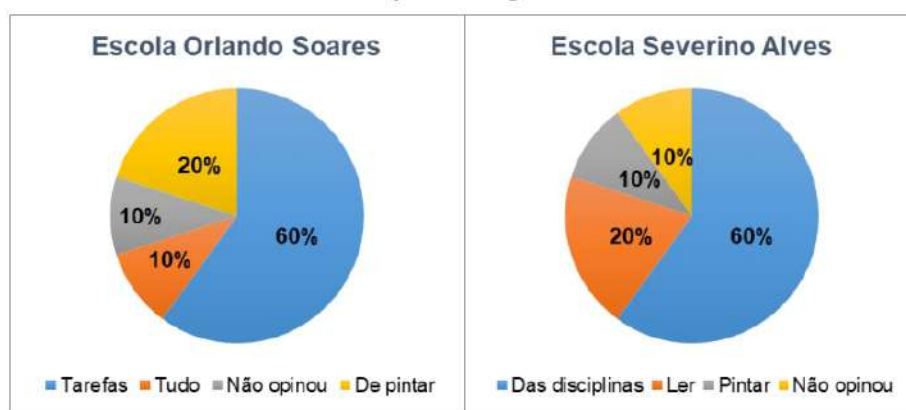
Comparada a escola Severino Alves, houve respostas diferentes, apenas 40% dos discentes gostam das atividades que a professora faz, segundo eles, as atividades que a professora traz, são muito boas por que ela explica muito bem, diferentemente dos discentes da outra escola, onde a maioria gosta das atividades por ser fáceis. 30% desses alunos afirmaram gostar das explicações da professora, como afirma a aluna a seguir que vamos chamar de A1 para preservar sua identidade.

“Quando estamos com dúvidas em algum conteúdo, ela explica bem direitinho e com paciência e eu entendo, isso é o que mais gosto dela” (A1, 8 anos, Escola Severino Aves).

A prática da referida professora, atrai a atenção de seus discentes, fazendo com tenham muito gosto pelas suas explicações e atitudes, e conseqüentemente pelas atividades propostas. De outro modo, 20% gostam por completo da professora, afirmando eles, que ela é boa em tudo o que faz. E 10% desses discentes não souberam opinar, um número que se assemelha com a mesma resposta dos entrevistados da outra instituição.

Válido ressaltar, que o aluno de hoje, são diferentes dos de antigamente, muitos vão à escola sem interesse algum – como se a escola não fosse mais um ambiente acolhedor e cativante, não despertando o gosto de estudar - outros alunos têm interesse e muitas vezes esses mesmos são desestimulados com certas atitudes ocasionadas dentro da escola. O professor é o espelho para muitos alunos, e suas atitudes são essenciais para garantir a aprendizagem e a atenção de seus alunados.

Gráfico 6 – O que mais gosta nas aulas?



Fonte: Pesquisa direta (2018).

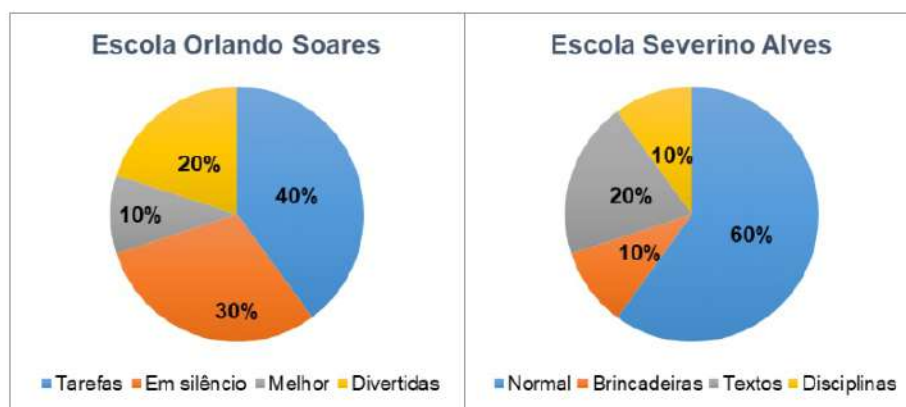
Relacionado aos dados informados, na escola Orlando Soares 60% dos entrevistados afirmaram gostar das tarefas que são aplicadas, 10% deles gostam de tudo que ocorre nas aulas. O mesmo percentual de 10% não chegou a opinar e 20% gostam apenas de pintar. A maioria desses que gostam apenas de pintar, são os que se encontram com problemas em seu processo de alfabetização, uns não sabem ler convencionalmente, e outros leem, mas, com muita dificuldade.

Houve uma semelhança nas respostas das escolas, o mesmo percentual dos entrevistados, totalizando 10% da escola Severino Alves não souberam opinar em relação ao que mais gostavam das aulas. Já 60% desses alunos disseram gostar das disciplinas nas aulas – Português, Matemática, Ciências – cada um com uma disciplina diferente, e 20% afirmaram gostar muito de ler nas aulas e 10% adoram as pinturas em sala.

Ao que se percebe, existe um certo gosto pela leitura, é o que nos revela os dados apurados nos relatos dos sujeitos da escola Severino Alves, o que é muito bom para o desenvolvimento deles no seu processo de letramento.

Em tempos atuais, grande parte dos professores atuantes da educação básica, sentem dificuldades e enfrentam desafios diários com relação a ensinar aos seus alunos o gosto e o prazer pela a leitura. Pois leitura em si, não é apenas ensinar a decifrar códigos, mas sim, ensinar como é prazeroso ler. A leitura é essencial e importante para o aprendizado escolar, e ainda aprimora e desenvolve a escrita.

Gráfico 7 – Como gostariam que fossem as aulas?



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Evidencia-se nos dados coletados com os sujeitos investigados, uma diversidade de respostas, na escola Orlando Soares 40% afirmam que gostariam que as tarefas fossem mais fáceis, 30% deles gostariam que as aulas fossem mais silenciosas, como relata a aluna a seguir, onde nomeamos de A2 para preservar sua identidade.

“Gostaria que as aulas fossem em silêncio, pois os meninos não ficam calados, a professora fica reclamando toda hora, aí não tem como agente entender se a sala não tá em silêncio” (A2, 8 anos, Escola Orlando Soares).

Este relato demonstra o interesse da aluna em estudar, porém sente dificuldades em entender as atividades devido os colegas ficarem falando demais, fazendo com que a professora passe a reclamar a toda hora, desviando a atenção dos demais alunos. No entanto, 10% desses alunos gostariam que as aulas melhorassem e 20% querem que as aulas fossem mais divertidas e com bastante brincadeiras.

Já na escola Severino Alves, a maioria dos alunos que totaliza 60% preferem que as aulas fossem normalmente, ou seja, que continuem do mesmo jeito, pois, eles gostam da maneira que as aulas acontecem. No entanto, 10% deles gostariam que começassem as aulas com brincadeiras, 20% que as aulas começassem com textos e depois as rotinas normais, e outros 10% que começassem sempre pela disciplina de Matemática.

Outrossim, ficou evidente na escola Orlando Soares, que a rotina diária acostuma o alunado, faz com ele perceba que na escola existe organização e disciplina no trabalho pedagógico, sendo revelado na maneira ou forma que as aulas acontecem, como nos relatou boa parte dos entrevistados. Adiante nos gráficos 8, 9, 10, e 11 vamos instigar o processo de alfabetização e letramento dos investigados.

Gráfico 8 – Sabe ler, e gosta de ler?



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Perante os dados apurados, a escola Orlando Soares apresenta um percentual de 40% dos alunos entrevistados que dizem saber ler e gostar de ler, como também 40% deles se encontram com dificuldade na leitura, porém gostam de ler o pouco que sabem, e 20% deles afirmaram não saber ler e não gostam de ler. Segundo o aluno A3:

“Eu não sei ler, a professora botou eu sem saber ler” (A3, 8 anos, Escola Orlando Soares).

Na escola Severino Alves, 60% dos entrevistados afirmaram saber ler e gostar das leituras, já 40% sabem ler, mas com dificuldades, porém gostam de ler. Comparando as duas escolas, os alunos são semelhantes porque se encontram em um processo de alfabetização. Para Soares (2009) alfabetização é a capacidade que o sujeito tem de ler e escrever relacionado a instituição escolar,

Distinguindo, a escola Severino Alves todos os alunos investigados sabem ler, mesmo uma parte deles com dificuldades na leitura, porém todos gostam de ler e na outra instituição, nem todos sabem ler convencionalmente, como também uma parte dos investigados afirmou não saber e não gostar de ler.

Gráfico 9 - O que você mais gosta de ler?



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Constatamos assim que 60% dos investigados, a maioria dos alunos da escola Orlando Soares gostam de ler os textos das atividades em sala de aula, e 10% deles gostam de ler apenas frases, como também 10% gostam de ler histórias, e os demais que soma um percentual de 20% não sabem ler. De outra forma, a

escola Severino Alves vem trazendo o maior número, ou seja 60% dos discentes que afirmam gostar de ler livros – fábulas, contos, aventuras – 10% dos alunos apenas de frases, e 30% deles gostam de ler os textos na sala de aula.

Dessa maneira houve uma semelhança na mesma quantidade de alunos em ambas as escolas em gostar de ler apenas frases, como também, uma escola se diferencia da outra pelo fato dos alunos gostarem de ler livros.

Gráfico 10 – Lugares diferentes que realizam leituras (faixas, cardápios, placas)



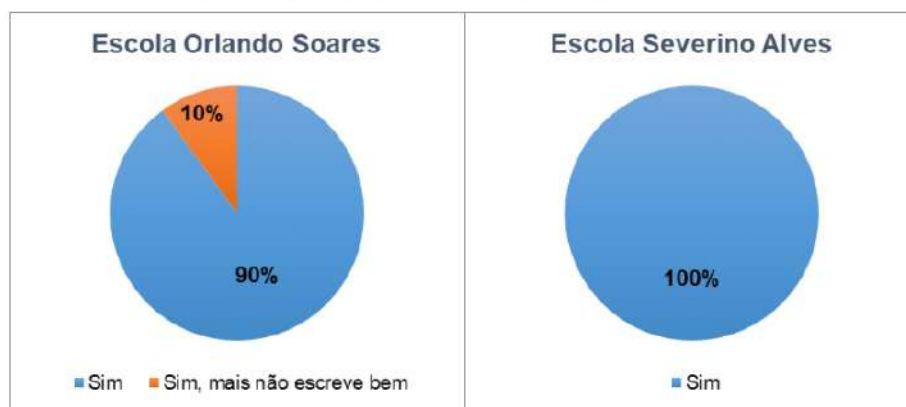
Fonte: Pesquisa direta (2018).

A respeito do informativo, segundo Soares (2009), letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais, relacionado aos informes, comparamos as capacidades e habilidades dos indivíduos em seu meio social e constatou o seguinte: na escola Orlando Soares, 50 % dos seus alunos, precisamente, praticam leitura fora da escola, através de placas ou até mesmo cardápios nos lugares onde eles costumam frequentar, 20 % não fazem uso de leituras em outros lugares, 10% afirmaram que nem sempre leem por onde andam e os demais 20% não sabe ler. Na escola Severino Alves a maioria de seus discentes que soma 90%, fazem uso de leituras em outros contextos sociais e apenas 10% nem sempre leem por onde passam.

Existe uma singularidade nos dados coletados, onde a mesma quantidade de alunos de ambas as escolas, nem sempre se interessam em ler por onde andam, existindo também uma diferença bem significativa onde na escola Severino Alves a

maioria dos alunos praticam leitura em seu contexto social, tendo uma diferença de 40% a mais que a outra escola.

Gráfico 11 – Sabe escrever, e o que mais gosta de escrever



Fonte: Pesquisa direta (2018).

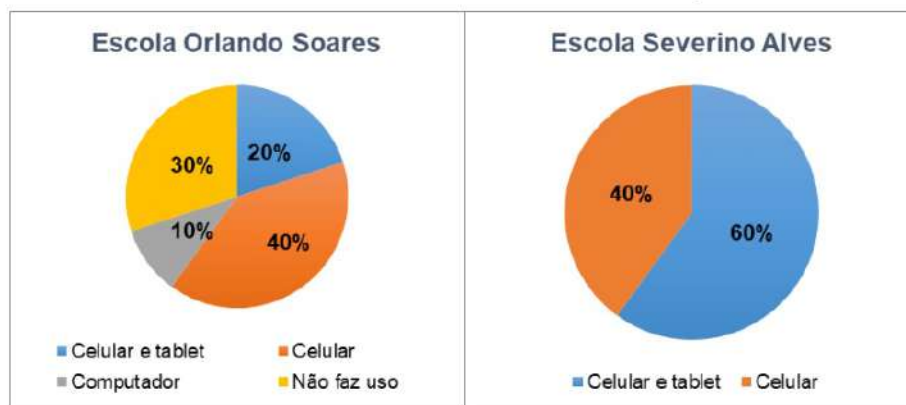
De acordo com o gráfico acima, evidencia-se que na escola Orlando Soares, todos sabem escrever, porém 10% afirmaram saber escrever mas tem uma certa dificuldade, relataram gostar de escrever as atividades escolares e poemas. Já na escola Severino Alves, todos os alunos sabem escrever, e gostam de escrever frases e textos. Existe uma pequena diferença entre as escolas que podemos observar, com relação a escola Orlando Soares que existe alunos com dificuldades em escrever, já na outra escola não se constatou.

Escrever é essencial e importante para a humanidade, pois deixa a mente fluir, deixando tudo o que se pensa no papel. E a escola é um ambiente incentivador que propicia e desenvolve a escrita infantil. Desse modo, quando se começa a escrever, geralmente e fluentemente acontecem vários erros por parte das crianças na aquisição de sua alfabetização, mesmo assim errar faz parte de todo esse processo. Onde o adulto e categoricamente o professor tem o papel de ensinar a fazer uso da escrita.

Os docentes devem envolver a criança em todo seu processo de escrita, estimulando sempre ela a compreender os textos, o interpretando com exatidão, gerando possíveis críticas. E acima disso tudo, deve estimular os alunos a produzir seus próprios textos usando sua imaginação. Talvez assim, o processo da escrita fica eficaz e com qualidade, não ficando mecânico e sem finalidade.

Adiante vamos saber o contato desses alunos com as TIC's, e se as mesmas contribuem para aprendizagem desses sujeitos investigados.

Gráfico 12 – Faz uso de celular, tablete, computador



Fonte: Pesquisa direta (2018).

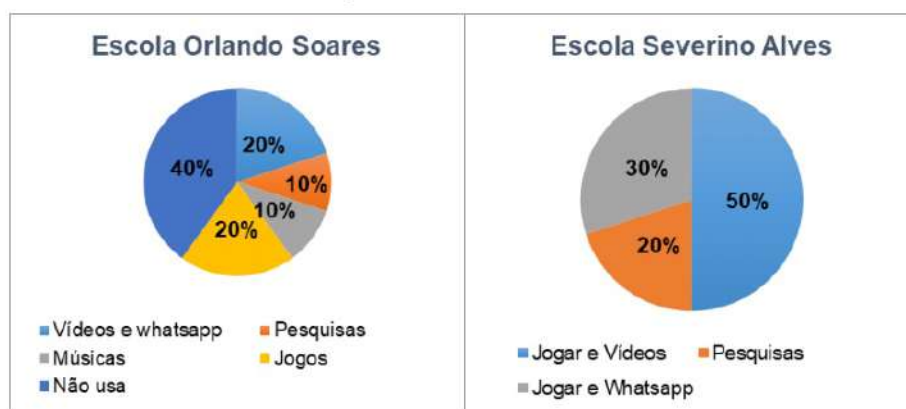
A pesquisa indica que a escola Orlando Soares, 40% de seus alunos fazem uso de celular fora da escola, 20% deles usam tanto o celular como o tablete, e 10% usa apenas o computador, porém com a ajuda da mãe como foi informado pelos entrevistados. E um percentual pouco significativo de 30%, afirmou não fazer uso de nenhum desses aparelhos de comunicação. Isso afirma uma exclusão digital, onde pessoas estão convivendo com as novas tecnologias, mas não tem contato com as mesmas, como afirma Pierre Lévy (1999) a questão da exclusão digital é evidente e crucial. Portanto, existem muitos sujeitos de uma mesma idade comum com as dos nativos digitais, mas que, para Palfrey e Gasser (2011) mesmo que tenham a mesma idade, estão vivendo e aprendendo de maneiras diferentes.

Consideravelmente na escola Severino Alves, todos os discentes fazem uso do celular, onde 60% usam celular e tablet, e 40% usam apenas o celular. Em conversas com esses discentes, alguns deles afirmaram que só tiveram contato com o computador na escola pelo "Programa Novo - Mais Educação" em aulas práticas.

As escolas se diferenciam, pois na escola Orlando Soares existe pessoas que não fazem uso dessas tecnologias, com relação a outra escola, que todos fazem uso de alguns dos aparelhos.

Seguindo com nossa entrevista, perguntamos em ambas instituições, se os discentes traziam os celulares para a escola, e as respostas foram unânimes, nenhum deles – os que usam celular - trazem o aparelho para a instituição, logo, não obtemos respostas com a outra pergunta do nosso roteiro, “o que você aprende com o celular na escola? ”, essa foi uma das semelhanças encontradas nos dois universos pesquisados. No gráfico 13 a seguir vamos entender e comparar esses sujeitos com relação ao uso que fazem do celular e tablet.

Gráfico 13 – Que uso faz do celular e do tablet



Fonte: Pesquisa direta (2018).

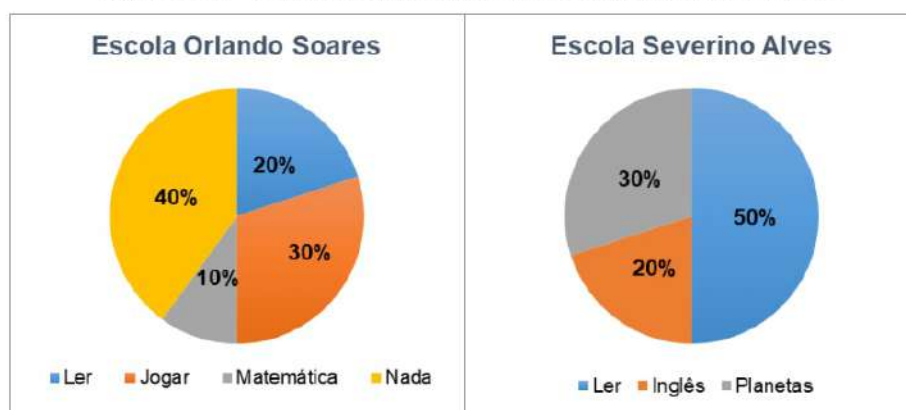
Diante das respostas, podemos constatar na escola Orlando Soares que em média 40% dos alunos não usam os aparelhos indicados, 20% deles assistem vídeos pelo youtube e trocam mensagens pelo whatsapp com os colegas. No entanto, 10% usam os aparelhos para fazer alguma pesquisa, e outros 10% usam para baixar músicas apenas. Podemos concluir que nessa escola se faz necessário a intervenção do professor, no sentido do uso pedagógico desses artefatos. Em comparação com a escola Severino Alves, a maioria dos entrevistados, que somou 50% fazem uso do celular e do tablete para jogar e assistir vídeos pelo youtube, 20% fazem pesquisas e os demais 30% para jogar e trocar mensagens pelo whatsapp.

Dessa forma, algumas das respostas se assemelham nas escolas e houve uma diferença que, na escola Orlando Soares existe uma estimativa dos

entrevistados que não usam celular, já na outra instituição, todos usam de diferentes maneiras.

Também fizemos uma pergunta sobre qual uso fazem do computador nas duas escolas, e apenas 10% dos investigados na escola Orlando Soares, fazem uso do computador. Estes utilizam apenas para jogar e com auxílio de algum parente.

Gráfico 14 – O que se aprende com o celular fora da escola



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Perante as informações coletadas, 20% dos alunos da escola Orlando Soares, aprendem a ler com o celular através dos joguinhos educativos de palavras, 10% deles aprendem as operações matemática com os jogos educativos e através de vídeos explicativos no youtube, e boa parte dos sujeitos investigados, mais precisamente 40% não aprendem nada, pois não fazem uso do aparelho móvel.

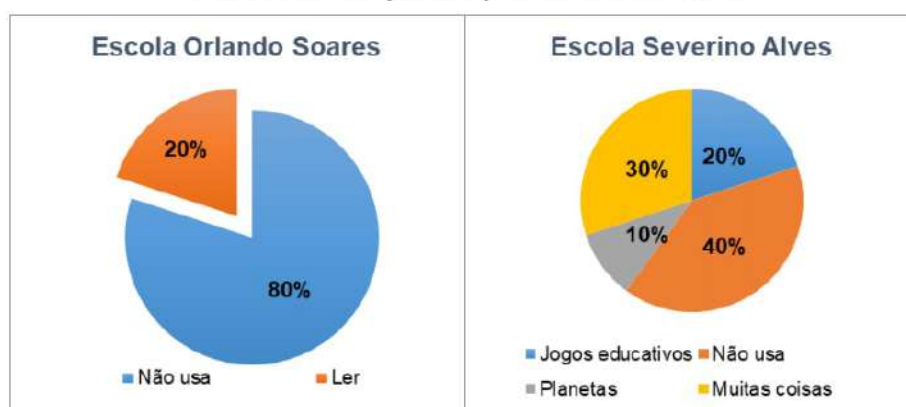
Fazendo uma comparação com a escola Severino Alves, 50% dos sujeitos aprendem a ler utilizando o celular, 20% deles afirmaram aprender idiomas, mais precisamente o inglês, através do youtube e alguns joguinhos. E os 30% afirmaram gostar de pesquisar sobre planetas, fazendo buscas no Google sobre os mesmos, como afirma a aluna A3 em sua resposta a nossa pergunta.

"Faço pesquisa no Google sobre os planetas de geografia, aprendo os nomes deles e as quantidades, eu sou muito interessada sobre os planetas" (A3, 8 anos, Escola Severino Alves).

Sobre essa informação, podemos afirmar que as TIC's envolvem a aprendizagem dos discentes de várias maneiras, sendo estas, dinâmicas e satisfatórias para esses sujeitos, elevando seu conhecimento e obtendo informações precisas sobre algum conteúdo. Sendo assim, Palfrey e Gasser (2011) descrevem que os nativos digitais acessam muito mais informações sobre um tópico em que estão interessados do que os jovens das gerações anteriores jamais poderiam fazer. Em outras palavras, as diversas maneira como os jovens estão aprendendo hoje, é bastante diferente como se aprendia antigamente, mas isso não quer dizer que eles não estejam aprendendo.

Diferentemente da Escola Severino Alves, na escola Orlando Soares foi constatado que 40% dos alunos não aprendem com o celular, enquanto na outra escola todos os discentes relataram a maneira o quão vem aprendendo com o auxílio da tecnologia móvel.

Gráfico 15 – O que se aprende com o Tablet



Fonte: Pesquisa direta (2018).

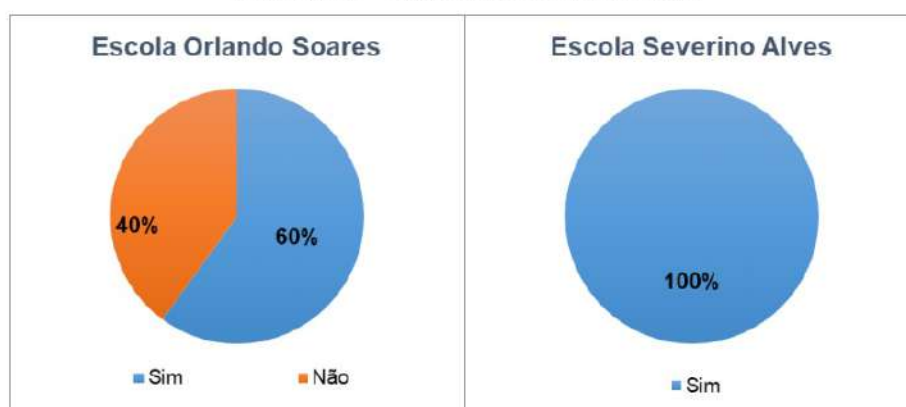
De acordo com os gráficos acima, boa parte dos alunos da escola Orlando Soares, mais precisamente 80%, não usam tablet, com isso relataram não fazerem uso dessa ferramenta tecnológica em suas aprendizagens. Logo, apenas 20% disseram que aprendem a ler com o tablet, através das palavras que surgem, e concomitantemente realizam a leitura das mesmas. Em relação a escola Severino Alves, 20% dos entrevistados aprendem matemática como por exemplo, através de jogos educativos existentes no tablet, 40% não usam o

tablete, 10% fazem buscas na internet sobre planetas, e 30% relataram aprender várias coisas diferentes através de buscas na internet.

Contudo, as duas escolas nos revelam que alguns dos sujeitos entrevistados não aprendem com o tablet, porém em uma delas o índice foi bem elevado, chegando a uma diferença de 40% da outra instituição.

Prosseguimos com a nossa entrevista, indagando sobre o que eles aprendiam com o computador. Assim, coletamos juntos aos alunos, conforme o gráfico 12, já mencionado demonstra que, apenas 10% dos entrevistados de ambas as escolas, fazem uso do computador, porém com ajuda de alguém, e mesmo assim só utiliza para jogar. Afirmaram também não aprender nenhuma outra coisa a não ser jogos novos. Podemos destacar a semelhança entre as escolas no que se refere ao uso do computador, uma vez que, não aprendem com o computador, por não possuírem em suas casas.

Gráfico 16 – Sabe acessar a internet?



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Na escola Orlando Soares, 60% dos alunos sabem acessar a internet, e 40% não sabem, diferente da escola Severino Alves, onde todos 100% sabem como ter acesso ao mundo virtual.

Muitas das vezes a desigualdade do acesso à internet, está relacionado a renda familiar. Nem toda família tem condições de manter mensalmente uma internet em sua casa, pois foge do orçamento familiar. Em outros casos, nem a

tecnologia móvel – celular, tablet, computador - tem condições e possui. Dessa forma muitos indivíduos ficam impossibilitados de terem acesso à internet.

Próximo gráfico 17, mostra qual a frequência que esses sujeitos acessam a internet.

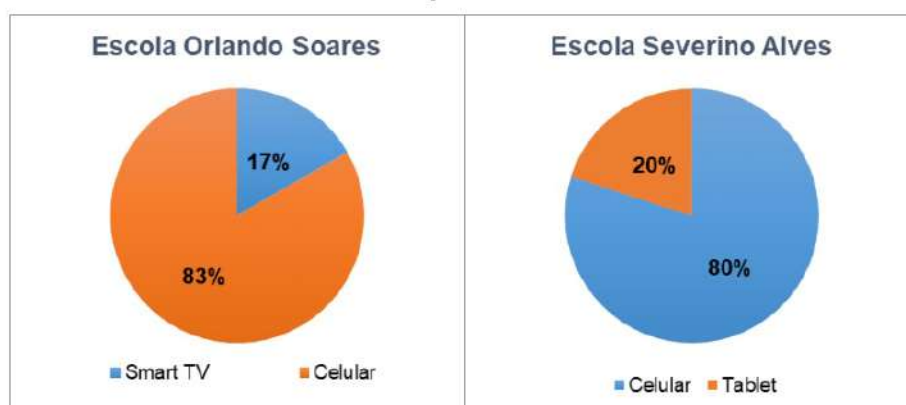
Gráfico 17 – Qual a frequência que acessa a internet?



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Diante das informações coletadas, para aqueles que sabem acessar a internet da escola Orlando Soares, todos eles fazem uso da internet diariamente, alguns depois que chegam da escola, outros antes de ir à escola. Diferente da escola Severino Alves, onde existem um percentual 10% que não acessam a internet todos os dias, apenas alguns dias da semana como foi relatado, os demais 90% todos os dias estão conectados.

Gráfico 18 – Através de que acessa mais a internet



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Na escola Orlando Soares, 17% acessam mais a internet através da smart TV, para assistir filmes e vídeos, e 83% através do celular, diferentemente da escola Severino Alves, onde 80% em sua maioria, acessam pelo celular e 20% através do tablete, não se constatou acesso pela smart TV. Assim, se averigua, que os sujeitos de ambas as escolas se envolvem mais com a internet através do celular.

Seguimos com nossa entrevista, e em sequência fizemos uma pergunta a todos os sujeitos investigados de ambas as escolas. "A escola permite você ter acesso a internet?" E a resposta foi "Não" de todos os investigados, havendo assim uma semelhança entre as respostas nas duas escolas. Em seguida, perguntamos "quais as atividades pela internet que a professora propõe?" Sendo a resposta "nenhuma" de todos os sujeitos envolvidos na entrevista, as escolas novamente se igualam nos fatos apurados.

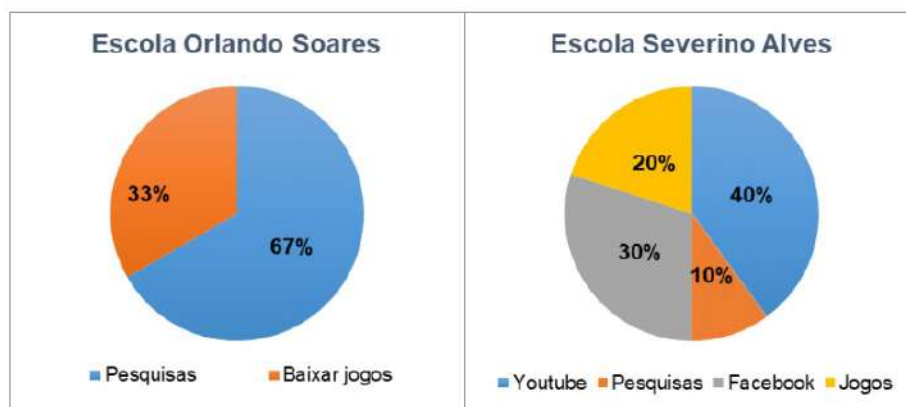
Conforme foi constatado acima, não obtivemos respostas da nossa próxima indagação, "para que, e como faz uso da internet na escola?" Já que ambas escolas não dão acesso livre aos seus discentes.

Válido salientar, que a internet, vem se alastrando definitivamente de diversas maneiras, em todas as modalidades e inclusive no campo educacional, refletindo diretamente na qualidade do ensino e no centro de interesse desses alunos, que é do século XXI, e que em muitas escolas não são percebidos.

Dessa forma, existe várias ferramentas de apoio: sites de buscas, bibliotecas virtuais, grupos de estudos, entre outras coisas, que podem auxiliar todo o processo de ensino do docente. Todavia, sem dúvidas, existe muitas informações disponíveis na internet, e muitas delas falsas, por isso, o professor deve ter um papel fundamental como orientador de seus discentes em fazer uso de certos sites, sabendo filtrar as informações.

Mesmo assim, vem a questão dos desafios e impossibilidades encontradas no próprio ambiente educacional, como foi apurado e constatado nas respostas em nossas questões acima.

Próximo gráfico 19, revela o uso da internet fora da escola.

Gráfico 19 – Fora da escola qual uso faz da internet, e o que se aprende?

Fonte: Pesquisa direta (2018).

Constatamos na escola Orlando Soares que 67% dos discentes fazem uso da internet fora do contexto educacional, para fazerem pesquisas de interesses próprios sobre coisas que eles não sabem, até mesmo sobre alguma atividade que ficam em dúvidas como relata o aluno A4:

“Pesquisei coisas que eu não sei, já pesquisei sobre Augusto dos Anjos” (A4, 8 anos, Escola Orlando Soares).

Os demais 33% usam apenas para baixar jogos e se divertir por meio deles. Já na escola Severino Alves, 40% dos alunos recorrem ao uso do youtube para assistir vídeos. Uma minoria de 10% faz pesquisas na internet para tirar dúvidas relacionadas a alguma disciplina como relata a aluna A5:

“Quando tenho dúvidas pesquiso na internet, e também para descobrir coisas novas” (A5, 8 anos, Escola Severino Alves).

E 30% dos entrevistados usam a internet para terem acesso as redes sociais – facebook – e afirmam aprender mais a ler, como mostra a resposta dada pela aluna A6:

“Eu uso a internet para ler, por que eu tenho um facebook, aí meu pai me mandou uma mensagem e eu li, eu leio sempre, até no joguinho da fazendinha, eu fico lendo as coisinhas que pedem” (A6, 8 anos, Escola Severino Alves).

Afirmando assim uma certa habilidade e desenvolvimento na leitura através do facebook. Sendo que 20% dos investigados usam para jogar.

Gráfico 20 – Como a internet ajuda nas atividades



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Por meio das respostas representadas nos gráficos, observamos que 67% dos alunos afirmam que a internet ajuda através das pesquisas que fazem para realizarem seus trabalhos escolares. E dessa forma, 33% deles afirmaram que não ajuda, esse é o mesmo percentual do gráfico 19, anterior a esse, que relataram apenas fazer uso da internet para jogar.

Diferentemente, a escola Severino Alves, todos os sujeitos investigados afirmaram que a internet ajuda muito através das pesquisas realizadas, conforme a resposta da aluna A7:

“Quando eu não sei as atividades de português, nem minha mãe, nem meu pai sabem para mim ajudar, aí eu pesquiso no google” (A7, 8 anos, Escola Severino Alves).

Dessa forma, fica evidenciado o potencial que a internet tem sobre esses investigados, desenvolvendo e fortalecendo suas aprendizagens escolares, através das pesquisas no universo digital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, o indivíduo é definido pelo grau de conhecimento que adquiriu ao longo de sua vida, e pelas suas capacidades e habilidades que executa em todo seu meio social. Pois, diante de uma sociedade pluralizada e imersa de informações, caracterizada pelo uso extremo das novas tecnologias, lhe são exigidos novos conhecimentos e novas habilidades para serem vividos no seu dia a dia.

Logo, os alunos de hoje, que se contextualizam em suas séries iniciais, fazem parte de uma geração chamada nativos digitais, que tem ao seu dispor variados artefatos tecnológicos – celular, tablet, computador, entre outros – e esses aparelhos por sua vez, possuem uma série de funções, as quais proporcionam a estes sujeitos, encantamentos, distração, diversão, comunicação e aprendizagens por intermédio dos mesmos.

A escola que tem um papel principal e fundamental na aquisição do letramento desses alunos, já percebe que precisa mudar e se adequar ao novo modelo que a sociedade atual exige, mas, infelizmente poucas estão se esforçando para isso.

Cabe a escola gerar condições que favoreçam a aprendizagens de seus discentes em plena era digital. Outrossim, a aprendizagem escolar não depende exclusivamente das tecnologias, elas ajudam e auxiliam em todo o processo. Depende muito dos professores, são eles que dão fins, sentidos e significados aos processos de aprendizagens. Esses por sua vez, tem um papel fundamental em todo processo de letramento de seus alunos. Pertence a eles saber usar e integrar as TIC's em sua prática pedagógica, para favorecer e desenvolver a aquisição do letramento.

Dessa maneira, a pesquisa descrita no presente trabalho monográfico, realizada com 20 (vinte) alunos de duas escolas públicas de Sapé – PB, aponta que os sujeitos se encontram em pleno processo de alfabetização e letramento em ambas as escolas. Onde boa parte dos mesmos fazem uso das tecnologias digitais, tanto para se divertir, como também para aprender através de buscas na *internet* – *google*, *youtube* – como também através de joguinhos educativos, e até mesmo nas redes sociais como o *facebook*.

Observou-se nesta pesquisa que existe uma quantidade considerável de alunos 30% precisamente da escola Orlando Soares, que fazem parte da exclusão digital, ou seja, estão convivendo na sociedade, sem ter contato com o mundo

cibernético. Os mesmos afirmaram não ter acesso as novas tecnologias, como também não tem habilidades de manusear, dessa forma, não estão aprendendo e vivendo da mesma maneira que os nativos digitais (PALFREY; GASSER, 2011).

Evidenciou-se em nossa pesquisa que em ambas as escolas possuem internet, porém nenhuma permitem aos alunos terem acesso. Desta forma, a utilização das TIC's para aquisição do conhecimento no universo escolar fica impossibilitado por meio da própria escola. Isso poderia ser diferente, as instituições escolares deveriam se planejar melhor, para saber adaptar a internet em seu currículo, proporcionando uma aprendizagem significativa para seus alunos, estimulando ainda mais seus potenciais e saberes sobre as novas tecnologias do universo digital ao universo escolar.

Os alunos de hoje estão cada dia mais envolvidos e conectados na internet, como mostra o gráfico 20 de nossas estatísticas a seguir, que a maioria dos sujeitos, fazem uso da internet em sua rotina diária. Fazendo pesquisas sobre alguma questão que eles têm dúvidas, e que as mesmas não foram esclarecidas por alguém próximo a eles ou até mesmo pela professora. Evidenciando a potencialidade que a internet tem sobre esses investigados, desenvolvendo e fortalecendo suas aprendizagens escolares, através das pesquisas no meio digital.

Gráfico 20 – Como a internet ajuda nas atividades



Fonte: Pesquisa direta (2018).

Salientamos que a internet, é um potencial quando se sabe utilizar a favor da aprendizagem. Ela disponibiliza além de diversão vários recursos – sites de buscas, youtube, entre outros – que podem favorecer e desenvolver uma aprendizagem

significativa e eficaz para os discentes. Cabe a escola promover tais recursos, acolhendo esta ferramenta e mostrando que além de diversão pode ser usada para a construção do conhecimento, como também nortear os professores em saber fazer uso desses recursos em suas atividades escolares.

Foi constatado também, que o celular é o aparelho mais utilizado pelos sujeitos em sua maioria. Através dele é que eles mais acessam a internet para fins de diversão, comunicação e aprendizagens. Assim foi confirmado que os sujeitos desenvolvem a leitura por meio das TIC's, seja jogando, seja fazendo buscas na internet, seja nas redes sociais – face book, WhatsApp – de diferentes maneiras esses sujeitos vem desenvolvendo seu letramento com o auxílio das tecnologias digitais.

Diante dos fatos apurados, o ambiente escolar não estar preparado para utilizar meios tecnológicos, como o tablet, o computador e o celular, sendo o celular proibido de trazer pelos os alunos para a escola, como foi confirmado pelos sujeitos em nossa investigação. Os professores por sua vez, não se planejam adequadamente em fazer uso das TIC's nas atividades extras classes como foi constatado em nossa pesquisa, que nenhum docente dos sujeitos em investigação passa atividade para fazer uso da internet.

Perante os esclarecimentos, finalizamos nosso trabalho com a convicção, que na contemporaneidade, não existe apenas o letramento escolar, e sim, vários tipos de letramentos que se configuram com as novas tecnologias. Assim, ser letrado digitalmente, exige do sujeito compreensão e domínios sobre as tecnologias digitais.

Outrossim, a internet vem revolucionando a leitura e escrita, o que antes era tudo feito no papel, hoje tem um outro lugar privilegiado, "o digital", envolvendo muitas crianças e jovens de idade escolar, com seus encantamentos virtuais. Para tanto, a agilidade que as tecnologias vêm disseminando em nossa sociedade, trazendo consigo inovações e possibilidades de comunicação, provoca nos sujeitos uma nova forma de viver, construindo diferentes conhecimentos por intermédios das TIC's.

Assim sendo, as tecnologias digitais de informação, vem desenvolvendo as habilidades das pessoas, no seu modo de viver, no seu modo de falar, no seu

modo de escrever e no seu modo de relacionar, e vem promovendo seu letramento escolar e estabelecendo mais um novo progresso "o letramento digital".

Não tivemos a pretensão de esgotar a temática, apenas realizamos um estudo sobre alguns pontos importantes e consideráveis para todos aqueles que se interessam pelo tema, sendo assim, que se faça mais pesquisa em volta desse assunto tão abrangente e formidável, principalmente para os professores das primeiras séries iniciais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Tecnologias digitais na educação: o futuro é hoje**. São Paulo. 2007. Disponível em:<<https://etic2008.files.wordpress.com/2008/11/pucspmariaelizabeth.pdf>>. Acesso em: 10 de Abr. de 2018.

ALVES, Rubens. **O prazer da leitura**. 2007. Disponível em:< <http://pagina-de-vida.blogspot.com.br/2007/05/o-prazer-da-leitura-rubem-alves.html>> Acesso em: 28 Mai. 2018.

AQUINO, Renata. **Usabilidade é a chave para aprendizado em EAD**. 2005. Disponível em:<<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/01/28/490613/usabilidade-e-chave-aprendizado-em-ead.html>>. Acesso em: 10 Abr. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.
CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FAVA, Rui. **O ensino na sociedade digital**. Disponível em:<<http://www.semesp.org.br/noticias/o-ensino-na-sociedade-digital/>> Acesso em: 21 de Abr. de 2018.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização e cultura escrita**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/emilia-ferreiro-alfabetizacao-e-cultura-escrita/>> Pesquisa realizada em: 08 de abr. de 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 21. Ed. – São Paulo: Cortez, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. - São Paulo: Atlas, 1989.

GILSTER, P. **Digital literacy**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1997.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia Social**. – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 7 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica 1**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINS, J.S. **O trabalho com projeto de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2001.

MATTAR, João. **Games em educação: como os nativos digitais aprendem**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Em: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005. 196 p.

MORAN, José. **Tecnologias digitais para uma aprendizagem ativa e inovadora**. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2017/11/>> Acesso em: 10 de Abr. de 2018.

MORAN, José; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8.ed. Campinas-SP: Papyrus, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Grupo A, 2011. 352 p.

PRENSKY, M. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. Trad. Roberta de Moraes Jesus de Souza. Califórnia: NBC University Press, 2001.

SCHLOBINSKI, Peter. **Linguagem e comunicação na era digital**. 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/39800/42664>> Acesso em: 14 de Abr. de 2018.

SILVA, Edna Lúcia da Silva; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. - Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, Ver. Atual, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n25/n25a01.pdf>> Acesso em: 07 de Abr. de 2018

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 124 p.

_____. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011. 123 p.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010. 103 p.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADOS AOS ALUNOS DAS
DUAS ESCOLAS**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
ROTEIRO DE ENTREVISTA DESTINADO AOS ALUNOS**

Este roteiro de entrevista compõe a pesquisa intitulada "LETRAMENTO DIGITAL: as contribuições das novas tecnologias nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas em Sapé/PB".

- 1- Qual o seu nome e sua idade?
- 2- Você gosta de vir a escola?
- 3- O que você mais gosta da escola?
- 4- E o que você não gosta?
- 5- Me fale de sua professora.
- 6- O que você mais gosta dela?
- 7- O que você gosta nas aulas?
- 8- De que forma você gostaria que fossem as aulas?
- 9- Você sabe ler?
- 10- Você gosta de ler?
- 11- O que você gosta de ler?
- 12- Há lugares que você frequenta, na cidade ou fora da cidade e que realiza leitura? (Faixas, cardápios, placas de trânsito, etc).
- 13- Você sabe escrever?
- 14- Você gosta de escrever?
- 15- O que você gosta de escrever?
- 16- Você usa celular? De quem é o celular?
- 17- Que uso faz do celular?
- 18- Você traz o celular para a escola?
- 19- O que você aprende com o celular na escola?
- 20- O que você aprende com o celular fora da escola?
- 21- Você tem computador em casa?
- 22- De quem é o computador?
- 23- Para que usa o computador?
- 24- O que se aprende com o computador?
- 25- Você tem tablet?
- 26- Para que usa o tablet?

- 27-O que se aprende como tablet?
- 28-Você sabe acessar a internet?
- 29-Com qual frequência?
- 30-Através de que você acessa mais a internet?
- 31-A escola permite você ter acesso a internet?
- 32-Quais atividades pela internet a professora propõe?
- 33-Para que, e como você faz uso da internet na escola?
- 34-Fora da escola qual uso você faz da internet?
- 35-O que aprende com a internet?
- 36-De que forma a internet te ajuda nas atividades da escola?